

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – MÚSICA E CULTURA

KELLY ELAINE DE OLIVEIRA

**Espiritismo e Música na
Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz:
uma aproximação etnográfica**

Belo Horizonte
2018

KELLY ELAINE DE OLIVEIRA

**Espiritismo e Música na
Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz:
uma aproximação etnográfica**

Dissertação entregue e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Música e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Pires Rosse.

Belo Horizonte
2018



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Música
Programa de Pós-Graduação em Música



Dissertação defendida pela aluna KELLY ELAINE DE OLIVEIRA, em 29 de agosto de 2018, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Eduardo Pires Rosso
Universidade Federal de Minas Gerais
(orientador)

Profa. Dra. Lucia Pompeu de Freitas Campos
Universidade do Estado de Minas Gerais

Profa. Dra. Walônia Marília Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Glaucia Lucas
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico esse trabalho ao Dr. Fritz (do lado de lá)...

E à Eliane (do lado de cá).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao Dr. Fritz e a toda a espiritualidade pela contribuição para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais – José Carlos e Fátima – e aos meus irmãos – Beg, Alyson, Hudson e Robson, e suas respectivas companheiras e filhos – pelo carinho, amor e compreensão.

À Cristina pelo amor e companheirismo, exemplo de vida e incentivo, paciência e convívio em família, principalmente com Vítor, Lucas e Letícia. Sem você esse trabalho não seria possível. À Dona Martha – sua mãe – pelas muitas novenas e orações direcionadas à empreitada que gerou essa dissertação.

À Fraternidade Olhos da Luz, especialmente à médium Eliane e à Dona Zumira por seguirem sempre adiante neste projeto. E também aos meus companheiros da Equipe de Harmonização – Consolação, Lucas e Elizana – pela alegria de executarmos nossos instrumentos juntos. À Sônia pelas calorosas conversas no carro sobre espiritismo e a vida numa perspectiva moral. À Regiane e Hebert, pelas suas experiências de tarefa narradas a mim. À Cleide pela leitura do texto para a qualificação; à Adriani pelas caronas em idas a Congonhas; à Carol, João e Alice pelas experiências musicais compartilhadas; aos integrantes do coral Luiz Alberto no qual atualmente participo lá, principalmente à Camila, pelo auxílio sempre esclarecedor, generosidade musical e amizade. Enfim, a toda a equipe de tarefeiros de Sabará e Congonhas que durante esse tempo em que estive na Fraternidade Olhos da Luz, me acolheram, compartilhando seus saberes, me mostrando através do convívio outra maneira de olhar, ouvir e sentir.

Ao Prof. Dr. Ângelo Nonato, primeiro orientador, pelo conhecimento, carinho e a alegria do reencontro, pelas discussões, almoços e aporte a esta pesquisa, mas também pelas inesquecíveis contribuições musicais, ao longo de quase três décadas na minha formação musical.

Ao Prof. Dr. Eduardo Pires Rosse, atual orientador, pela generosidade intelectual e humana, olhar atento, amizade, sugestões sempre tão inspiradoras e por tantas ajudas ultrapassando os limites desta pesquisa.

Aos professores, colegas e funcionários da PPG-MUS da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade de conhecimento, convívio e aprendizado.

Aos professores que participaram da banca de qualificação, pelas sugestões e caminhos redirecionados a essa pesquisa e correções, principalmente à Professora Dra. Glaura Lucas; e também à banca de defesa: Profa. Dra. Lúcia Pompeu de Freitas Campos (UEMG), Profa. Dra. Walênia Marília Silva (UFMG), Profa. Dra. Glaura Lucas (UFMG) e ao Dr. Leonardo Pires Rossi por aceitarem o convite.

Ao Grupo de etnomusicologia da Escola de Música da UFMG – GrEt – em que participo, pela grandiosidade nas discussões, exposições e encontros.

Ao Gercino Dutra, ao Ricardo Costa, ao Dr. Sérgio de Oliveira, ao Centro Oriente, à Dona Lourdes, e à Casa do Caminho e obras espíritas, pelos conhecimentos espíritas sobre o cosmo e sobre o indivíduo.

Aos amigos Paulo Amado e Daniele Fischer, pelas leituras, incentivo e sugestões bastante pertinentes; e novamente ao Paulo pela formatação final.

Aos meus alunos da Escola de Música Harmonia-si pelo apoio e paciência.

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo etnomusicológico sobre o cantar e o tocar na Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz (CAFOL). Aqui, faz-se uma reflexão sobre a relação entre fenômenos sonoros, saúde, cura e mediunidade. Abordam-se também questões complexas, subjetivas e dialógicas, relativas à performance, tais como: Por que esse grupo valoriza tanto o canto? Por que as performances desses cantos apresentam certas estruturas, letras, timbres, estilos e ritmos? Este trabalho propõe a descrição e análise de uma experiência junto a essa Fraternidade à luz da performance musical, onde aspectos do ambiente permitem indagar o porquê se faz música da maneira que se faz, ajudando a construir, organizar, modificar e interpretar as relações sociais, espirituais, conceituais e de saúde.

Palavras-chave: Música e espiritismo, Dr. Fritz e música, música e cura, música e espiritualidade, Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz

RÉSUMÉ

Cette recherche est une étude ethnomusicologique portant sur le chant et la performance musicale à la “Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz - CAFOL”. On y propose une réflexion sur la relation entre les phénomènes sonores, la santé, la guérison et la médiumnité. Des questions complexes, subjectives et dialogiques liées à la performance sont également abordées, telles que: pourquoi ce groupe apprécie-t-il autant le chant? Pourquoi les interprétations de ces chansons présentent-elles certaines structures, paroles, timbres, styles et rythmes? Ce travail propose la description et l’analyse d’une expérience au sein de cette Fraternité à la lumière des performances musicales, où les aspects de l’environnement nous permettent d’expliquer pourquoi la musique est faite telle qu'elle est faite, aidant à construire, organiser, modifier et interpréter les relations sociales, conceptuelles et liées à la santé.

Mots clés: Musique et spiritisme, Dr. Fritz et musique, musique et santé, musique et spiritualité, Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Visão da chegada do salão da CAFOL, em Sabará/MG.....	18
Figura 2: Foto do referido quadro em que aparecem a imagem e menções ao Pedrinho.....	19
Figura 3: Localização da CAFOL, em Sabará, vista via satélite.....	28
Figura 4: Mapa (via satélite) da localização da CAFOL, de Sabará.	28
Figura 5: Foto com referência à localização da CAFOL, sede de Congonhas/MG.	29
Figura 6: Foto de Congonhas e seus arredores, e posição da sede da CAFOL na cidade.....	29
Figura 7: Mentores “do lado de lá” da CAFOL	34
Figura 8: Retrato de Frei Fabiano de Cristo, outro mentor espiritual da CAFOL.	35
Figura 9: Algumas das esculturas vistas nos jardins da CAFOL.	50
Figura 10: Mais esculturas dos jardins da CAFOL.	50
Figura 11: Esculturas no interior do Salão da CAFOL: à direita, Pedrinho (sentado).....	51
Figura 12: Cruz e esculturas e objetos em formas geométricas da CAFOL.	51
Figura 13: Fotografias de cirurgias espirituais com cortes	52
Figura 14: Capa e contracapa do primeiro CD CAFOL.	66
Figura 15: Capa e contracapa do segundo CD CAFOL.	68
Figura 16: Estrutura da Sala de Passe - CAFOL Sabará.	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A CAFOL	17
1.1 A toalha	17
1.2. Fundação, localização e definições nativas	27
1.3. A sociedade CAFOL	32
1.3.1. O “lado de cá”	33
1.3.2 O “lado de lá”	34
1.4 Funcionamento	35
CAPÍTULO 2 – OPOSIÇÃO E SUAS SIGNIFICAÇÕES	40
2.1. Onde estão os quadros?	40
2.2. Iconografias – Eterizando objetos	49
2.3. Noção de Pessoa e corpo na CAFOL	53
2.3.1 Saúde/doença	55
2.4. Música na literatura da CAFOL	58
CAPÍTULO 3 – APONTAMENTOS A PARTIR DO SONORO	62
3.1 O porquê da música aqui e a pergunta repetida	62
3.2 Primeiro Movimento – A reprodução dos CDs no salão	66
3.3 Segundo Movimento – A canção/hino <i>Medicação de Amor</i>	71
3.4 Terceiro Movimento – Os mentores e os sessenta minutos de vibração	74
3.5 Quarto Movimento – O passe	77
3.6 Quinto Movimento – Canção <i>Caminharmos Juntos</i>	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Esta é uma dissertação sobre o cantar e o tocar na Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz (CAFOL). Uma associação filantrópica que busca incentivar, junto à comunidade local, ações para a promoção da cidadania, direitos humanos e da ética, onde a interface entre música, saúde e práticas religiosas se evidencia dinamicamente; este é também um estudo sobre a música em seu entrelaçamento social e cosmológico.

Utilizo ‘Música’ tomando de empréstimo a definição de Blacking (1973, p. 07) como “sons humanamente organizados”. O termo “música” é também utilizado pela própria CAFOL para definir o modo pelo qual - humanos espíritos (desencarnados), humanos encarnados e não humanos se associam, constroem e organizam seus cantos. Para entender tais categorias, nos inspiramos em parte na Actor-Network-Theory (ANT)¹ de Latour (2012, p. 29) e em Cavalcanti (2009, p. 24), onde humanos com corpos materiais visíveis e invisíveis, juntamente com os não humanos (animais, livros, cadeiras, flores, quadros) se juntam, tecendo uma teia social ou de associações.

Abordam-se, adiante, questões sonoras complexas, dialógicas e subjetivas relativas ao mito e ao rito. Questões tais como: Por que esse grupo social valoriza tanto o cantar e o fazer musical? Por que as performances dos cantos apresentam certas estruturas, e qual a relação da música com a performance geral? O modo de refletir sobre essas questões, somadas a um interesse pessoal, me conduziram à metodologia, em síntese, de um estudo etnomusicológico, de maneira que, através da prática etnográfica e da (e com a) pesquisa participativa, realizo uma breve análise geral sob a perspectiva do fazer musical, dentro do qual pude também compartilhar sentidos e tentar apreender o porquê de se fazer música – da maneira como é feita – na CAFOL, e o porquê outras maneiras seriam inadequadas.

Aliado ao pensamento etnomusicológico mencionado, serviram também como orientações teórico-metodológicas as indicações de alguns analistas da ciência contemporâneos, que propõem que se reflita profundamente sobre o sentido de uma visão mecanicista do mundo ou das coisas, e mesmo acerca daquela perspectiva daí derivada, que faz distinções muito marcadas entre as ciências naturais e as ciências sociais. Conforme, por exemplo, Santos (2008), apesar dos paradigmas empiristas dominantes na

¹ Teoria Ator-Rede – Teoria social onde Latour (2012) sistematiza algumas controvérsias sobre essa teoria, que chama de cinco fontes de incertezas e lança a proposta de desfazer uma ideia de um social como domínio da realidade. Para o autor humanos e objetos (não humanos) são atores e agem em coletividade, colocando em evidência uma instabilidade do conceito de sociedade. Para ele há associações.

modernidade e mesmo nos tempos atuais, é de se dizer que todo conhecimento é, de algum modo, também autoconhecimento – e que a ciência natural é, na verdade, social. Bruno Latour (2012) é outro autor que diz algo semelhante, onde os conceitos e descobertas científicas são ao mesmo tempo reais e inventados, cosmológicos.

Tratando propriamente do campo de pesquisa deste trabalho, é de se dizer que a cosmologia CAFOL apresenta uma estrutura complexa que se expressa em sua cultura em percepções a respeito dos humanos espíritos e humanos encarnados. Sua noção de pessoa é uma junção de três elementos: o corpo biológico, o perispírito e a alma, sendo que o chamado perispírito estabeleceria um tipo de junção entre corpo biológico e alma. As Pessoas, nessa noção específica, portanto, através das várias desencarnações e reencarnações podem evoluir moralmente, até perder toda sua materialidade se tornando o que é, ao cabo, um Espírito puro. Existem vários mundos habitáveis, e o planeta Terra é apenas um deles. Através das vidas regressas (definidoras do carma²) ou da vida presente, um encarnado pode alterar suas funções corporais e periespirituais desenvolvendo um desequilíbrio-equilíbrio. A condição de estar saudável ou doente vem dessa oposição – e, conforme se apurou as ações desenvolvidas nos encontros da CAFOL servem ao propósito de fazer a Pessoa voltar ao equilíbrio de suas funções.

As performances rituais da CAFOL, sobre as quais esta pesquisa se debruça, são de algum modo recortes dentre as muitas atividades realizadas aos sábados e domingos nas cidades de Sabará e Congonhas – MG, nas sedes da entidade. Os dois ambientes servem para que aconteça uma interlocução com a dimensão espiritual, via dois agentes em dimensões diferentes – Eliane (médium encarnada) e Dr. Fritz (espírito desencarnado). A partir dessa interlocução é que se realizam várias atividades, incluindo procedimentos terapêuticos através de cirurgias (físico-espirituais).

De acordo com um discurso interno, O referido Dr. Fritz, representante do “lado de lá”, quando encarnado foi um médico alemão/polonês que trabalhou na Primeira Guerra Mundial. Ainda segundo o contexto estudado, Dr. Fritz apareceu como Espírito, pela primeira vez, incorporado no médium José Pedro de Freitas, conhecido como Zé Arigó, em Congonhas/MG, na década de 1950 (OLIVEIRA, 2014). Atualmente, conforme relatos correntes, seu Espírito é recebido por diversos médiuns em diferentes partes do Brasil,

² Carma segundo Peralva (2011, p. 115) é um termo que designa a lei de causa e efeito, nas diversas encarnações. Em cada nova experiência de reencarnar em uma vida física, traz-se gravado no perispírito um quadro de provas e expiações, no qual o indivíduo deverá sofrer as consequências de ações pretéritas. Vale lembrar que a obra de Allan Kardec não faz referência ao termo, utilizando "causa-efeito" e "ação-reação" para denominar as ações e reações vivenciadas e repercutidas em vidas anteriores à encarnação atual.

inclusive em Sabará e Congonhas (Minas Gerais). A médium Eliane – “do lado de cá” – é uma interlocutora chave, que nesse plano terreno media a comunicação com o mundo espiritual: ela, aliás, se comunica com outros espíritos além do de Dr. Fritz.

Para pensar acerca da relação entre pesquisador e o campo, me inspiro em outra ideia de Latour (2012) que diz que somos formigas míopes que seguem rastros e que, de certo modo, ao seguir rastros deixamos os nossos – opto, pois, por uma instabilidade intelectual. E ao optar por esta instabilidade da incerteza intelectual, assume-se que em campo todos – agentes sociais e o pesquisador – apreendem questões relativas ao coletivo como identidade, interação, entre outros. A ação é algo a ser decifrado, e acompanhar esses caminhos é, além de fazer parte, seguir suas interações com as coisas que podem agir ou reagir de diversas maneiras: e por prestar atenção a essas maneiras se percebe que o nativo e o pesquisador serão sempre relativos, como também nos fala Viveiros de Castro (2002).

Desse modo, encontrar um caminho entre a pesquisadora, a musicista, a tarefaira e a paciente, me trouxe indagações e reflexões sobre esse lugar do sentir, de ser afetada como Favret-Saada (2005, p. 155) concebe essa noção. “Ser afetado” para a autora tem uma relação de destaque no trabalho de campo, à experiência de habitar um “outro lugar”, sem necessariamente estar vivenciando como um nativo, ou de outro modo, de entrar em relação por empatia. Para Favret-Saada os pesquisadores geralmente negam ou ignoram esse lugar na experiência humana, retirando aspectos não verbais e involuntários dessa experiência de campo, e raramente quando o reconhecem, é para evidenciá-lo incoerente e produto de uma construção cultural. Com efeito, uma comunicação intencional verbal e voluntária com objetivos de apreender sobre os sistemas das representações nativas é ineficaz, pois não fornecem “informações sobre os aspectos não verbais e involuntários” dessas experiências (FAVRET-SAADA, 1990, p. 06). Tal reflexão me motivou a optar por não trazer vozes de tarefairos ou outros frequentadores do lugar, a partir de entrevistas, dando lugar ao fluxo dos acontecimentos, narrados nas etnografias no início de cada capítulo.

Ao longo do trabalho utilizo as palavras rito e mito muitas vezes. Os rituais são ações funcionais repetitivas que focam as mentes e as energias através de repetição da sua forma, reforçando sentimentos e ações que são valorizados pelo contexto. Ou de outro modo:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (TAMBIAH, 1985 *apud* PEIRANO, p.09)

São “técnicas de informação nas quais a palavra e o comportamento são indissociáveis e cuja estrutura abriga conhecimentos complexos sobre a natureza e a sociedade” (LEACH, 1971 *apud* CAVALCANTI, 2008, p. 21). Já os “mitos” são tomados aqui como uma série de discursos verbais e não verbais também definidores de valores e de um universo particular, constantemente atualizado no seio da CAFOL, como em seus ritos de cura, por exemplo. Vale lembrar, que nesta pesquisa cito vários nomes, contudo opto pela utilização apenas do primeiro nome.

Cabe mencionar que, no decorrer do mestrado, mudei o local onde seria desenvolvido meu trabalho de campo. Para um melhor entendimento sobre os motivos que me levaram a essa mudança, faço uma pequena contextualização, relatando fatos passados desde início de 2010 – quando tomei conhecimento da CAFOL – até meados de 2016, quando transfiro a pesquisa da Fraternidade Irmã Scheilla³ para meu atual campo de pesquisa.

Tomei conhecimento da CAFOL em meados de 2010, por indicação de uma amiga para a criação de arranjos musicais para piano, na gravação de um CD do coral da Casa, pertencente a uma Fraternidade em Sabará. A então responsável pela produção daquele álbum fonográfico era Camila⁵. Era um trabalho voluntário, e quando Camila

³ O Grupo da Fraternidade Espírita Irmã Scheilla é uma sociedade civil, religiosa, filantrópica, educacional e cultural, sem fins lucrativos. (cf. Site Institucional, 2018). Fazem parte dessa Fraternidade o Centro Oriente – CEO – localizado na Rua Aquiles Lobo, 52 – Bairro Floresta/BH, e a Casa Espírita André Luiz – CEAL – na Rua Rio Pardo, n. 120 – também em BH, no Bairro Santa Efigênia.

⁵ Atualmente, regente do Coral Luiz Alberto da CAFOL.

chegou com duas gravações apenas vocais das peças *Dr. Fritz* e *Medicação de Amor*⁷, aceitei o convite e arranjei tais canções em três dias. Naquela época não tinha noção de que se tratava de duas das principais músicas daquela Casa. Pouco tempo depois, Camila me convidou para gravar em estúdio o saxofone e o piano em duas faixas daquele trabalho.

Camila não fez mais contato e só fui conhecer a Casa, de fato, em 2011, convidada pelo grupo Pilares⁸. Na ocasião toquei flauta e saxofone no salão, enquanto Dr. Fritz distribuía a sua medicação pela segunda vez naquele dia. Em 2012 visitei novamente a CAFOL, e logo após passar pelo atendimento na sala de tratamento, fui convidada e direcionada a segurar a bandeja. Tal prática é a ação de auxiliar na fila de distribuição da medicação ali chamada de Vida (da qual trataremos mais tarde nesse trabalho). Para tanto, o voluntário – no caso eu – deveria segurar uma bandeja, ao lado de Dr. Fritz, para que sejam colocadas as seringas com a medicação da pessoa que passa pelo tratamento. Segurar a bandeja é um privilégio e significa sair da configuração de paciente/fiel/visitante para o *status* de tarefeiro. Nesta época Dr. Fritz me fez o convite para que o auxiliasse na bandeja. Como, àquela altura, não percebi sentido especial algum nesta ação, tal convite não gerou nenhum desejo ou motivação de retornar à Casa. Portanto, não voltei à CAFOL até 2016, ano em que já era discente do PPG-MUS da UFMG, na linha de pesquisa em Música e Cultura – e ano em que tais vivências vieram à tona em minha memória, contribuindo para minha mudança de campo.

A partir dessa mudança do campo de pesquisa, naquele ano, vivenciei o fazer musical na CAFOL, para esta pesquisa, em mais de cem dias, mais especificamente no período entre setembro de 2016 e fevereiro de 2018. Nesse tempo assumi o cargo de tarefeira na equipe de Harmonização⁹. Nos seis primeiros meses, participava aos sábados e domingos optando, posteriormente, apenas pelas idas aos sábados. Das anotações em campo, trago fragmentos de relatos etnográficos, no qual se inicia cada capítulo.

Essa pesquisa estrutura-se basicamente em três capítulos. No Capítulo 1 elaboro um panorama histórico-geográfico da CAFOL, tratando da sua fundação, assim como trazendo apontamentos sobre sua sociedade dos dois planos dimensionais e o

⁷ Peças musicais estas que compõem o cancionário espírita da entidade.

⁸ Grupo musical de Belo Horizonte, do cenário espírita.

⁹ Equipe de Harmonização, no contexto dessa pesquisa, é um grupo de tarefeiros que desempenham a função de promover a música no salão em determinados momentos. Trataremos deste assunto mais tarde na dissertação.

funcionamento da Casa. No Capítulo 2, registro uma análise dos elementos nativos que trazem sentido à performance, como produções visuais, literatura, noção de pessoa e corpo, buscando uma reflexão sobre tais práticas. No Capítulo 3 apresento um dos elementos da performance CAFOL – a música – a partir de aspectos sonoros, e pontuando através de “movimentos” momentos cerimoniais importantes.

De forma mais detalhada, descrevo no Capítulo 1 meu primeiro contato na CAFOL como pesquisadora, onde narro minha vivência do pedido de autorização para este estudo ao Dr. Fritz, sua autorização e meu conseqüente “credenciamento” através do presente recebido: ‘A toalha’. Estabelecia, ali e então, contato com a sociedade de dois planos dimensionais da Casa, onde a médium, os tarefeiros e os outros frequentadores (que categorizamos como visitantes/fiéis/pacientes), formam a sociedade encarnada; e médico espiritual, espíritos tarefeiros (mentores) e visitantes/fiéis/pacientes (sem corpo biológico) compõem a sociedade desencarnada. Em seguida descrevo o funcionamento da Casa em um dia de atendimento.

No capítulo 2, inicio com o relato intitulado “Onde estão os quadros?”. Narro, então, um dia de atendimentos, descrevendo com maiores detalhes o fluxo dinâmico da performance, apontando contornos estéticos a partir de produções nativas. Em busca de conhecimento sobre o porquê de algumas práticas na CAFOL, realizo uma breve análise iconográfica da Casa. Para uma análise que traga luzes e explicações mínimas sobre a experiência do transe e mediunidade, além de saúde e tratamento, reflito sobre a noção de Pessoa e Corpo. E por último analiso de forma ainda que sucinta a música dali, considerando também a perspectiva acerca desse tema conforme vista na obra de Allan Kardec (1804-1869), referência maior para um grande círculo espírita e para a própria CAFOL.

É mediante a menção desse breve estudo de obras de uma literatura utilizada na CAFOL que inicio o Capítulo 3, com dois pequenos relatos intitulados, respectivamente, “O porquê da música aqui” e “A pergunta repetida”. Nesse momento, trago vozes nativas para as narrativas. Em seguida busco através de “holofotes” em partes da performance musical, uma análise da estética sonora. Através de tópicos nomeados “movimentos”, apresento pontos chave dos gestos cerimoniais da casa. No primeiro, trato do início das atividades de atendimentos com a colocação dos CDs da Casa. No segundo, analiso a performance do momento da peça *Medicação de Amor*. No terceiro movimento, reflito sobre as canções dedicadas aos mentores e os sessenta minutos de vibração. No quarto,

faço uma breve reflexão do momento do passe e por último, no quinto movimento analiso a última peça performada: *Caminharmos Juntos*.

CAPÍTULO 1 – A CAFOL

1.1 A toalha

É domingo, 18 de setembro de 2016. Começa a amanhecer quando me levanto da cama. No relógio o ponteiro marca cinco horas e meia da manhã. Preciso sair o quanto antes, pois os atendimentos já começaram desde as quatro. Tomo uma xícara de café, e dirijo pela rodovia MGC262, sentido Sabará, por cerca de quinze minutos, antes de subir uma serra sinuosa e uma rua reta de terra, chegando ao local.

No alto, com poucas construções, afastado do Centro de Sabará/MG, encontra-se a Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz (CAFOL). É um imóvel de contornos simples, no meio de flores, árvores, perto da linha de trem.

Me impressiono tanto com a beleza do lugar quanto com a quantidade de carros já estacionados. Há uma vaga derradeira a uns duzentos metros da casa. Não consigo precisar a quantidade exata, mas presumo algumas dezenas de carros. Estaciono e devido à distância da vaga acabo refletindo que a melhor opção talvez fosse chegar mesmo às quatro horas da manhã. Ao sair do carro, ouço bem ao longe, uma canção que tocava e cantava nas missas de domingo. Caminho apressada, a passos largos, com uma câmera fotográfica em sua pequena bolsa, um tripé, um casaco, celular e chaves do carro. Caminho em direção aos portões e, à medida que ando, mais intensa se torna a minha percepção daquela música. O som do vento, de alguns insetos e de pássaros se misturava ao ruído dos meus passos e à melodia daquela canção. Chego aos portões e vejo, pela força das vozes, que é de lá.

Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai. Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar, segura na mão de Deus e vai. Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus, pois ela, ela te sustentará. Não tema, segue adiante, e não olhes para trás, segura na mão de Deus e vai... Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada, segura na mão de Deus e vai. Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará, segura na mão de Deus e vai¹⁰.

Apesar de ser uma música já conhecida por mim, noto diferenças em sua estrutura sonora – entre os contornos melódicos, harmonia e andamento, mas principalmente no ritmo. Era a mesma, mas também era outra música, outra configuração. Em alguns compassos, a música apresentava uma métrica quaternária, em outros, ternária. O canto se

¹⁰ *Segura nas Mãos de Deus* é uma composição de Nelson Monteiro da Mota. A canção foi escrita e gravada, primeiramente, em 1966. Sua execução se dá em cultos e ritos de diversas religiões, apesar de ter sido composta por um pastor evangélico.

mostrava denso, com dezenas ou centenas de vozes de homens e mulheres, em uníssono sobre a linha diatônica. Ao fundo, um violão com cordas de aço, afinado de uma maneira diferente ou desafinado, tocado de forma quase percussiva, sem amplificação, e uma voz feminina, grave, que sobressaía em meio às outras vozes devido ao uso de um microfone.

Dentro dos portões posso perceber melhor os aspectos em torno da casa. Há uma estrada de cimento, com aproximadamente oitenta centímetros de largura que divide os canteiros de alvenaria, com touceiras de rosas, árvores e plantas de diversas espécies; bancos e estátuas de ferro, em tamanhos que variavam entre um metro e meio e dois metros, aparentemente em escala natural, que mais tarde soube se tratar de homenagem aos mentores espirituais dali. Vejo, quase em frente à porta principal, duas fontes artificiais em formato de estrela de seis pontas, com alguns peixes pequenos, talvez carpas. Acima da casa, uma placa com os dizeres *Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz*. De frente, uma varanda com telhado de amianto, três cadeiras de rodas, alguns bancos de madeira, uma pequena porta que dá acesso à parte interna da casa, e algumas pessoas. Ainda na varanda, vislumbrando através da porta a parte interna da casa, noto um salão branco, lotado de pessoas. Nessa entrada, há uma pilastra que, para minha surpresa, possui um pequeno cartaz com ilustração de uma criança com o dedo em riste verticalmente na boca e escrito: silêncio. Percebo que ali se sugeria um silêncio com outras configurações, não representando uma ausência de frequências sonoras, e sim uma delimitação do que poderia ou não fazer naquele salão. Pelo que acabara de ouvir, sons cantados estavam autorizados. Entro.



Figura 1: Visão da chegada do salão da CAFOL, em Sabará/MG: o aviso de “Silêncio”.

No salão, vejo mais três portas dando acesso a outros ambientes. Tanto as paredes quanto os azulejos, brancos, contrastam com os muitos quadros, cartazes, esculturas e fotografias. Nos quadros pintados e cartazes, vejo rostos, a maioria deles desconhecidos para mim. Ao fundo, uma pintura de pouco mais de um metro retrata região geográfica, a casa e a figura de Jesus sentado, com olhos meditativos, aparentemente contemplando a natureza. Diante de mim, logo atrás de uma mesa, o rosto de Jesus e um cartaz em maiores proporções de um menino loiro, com idade entre oito e dez anos, de nome Pedrinho. No cartaz, os dizeres: “É Pedro, Pedrinho. Vem de Nosso Lar. Contar sobre a vida. Do lado de lá. Mensageiro de Luz, da colônia de paz, o canto de Pedro nos faz acreditar que a vida é Amor e a alma imortal”. Há também frases de autoria de um espírito chamado Dr. Fritz: “Se não houvessem pétalas não existiriam rosas. Cada um de vocês é uma pétala de rosa. Unam-se e formem uma linda rosa”. E também: “Eu não ligo para o que vocês falam. Eu olho é o coração de vocês. A boca às vezes é insana. O coração não.”



Figura 2: Foto do referido quadro em que aparece a imagem e menções ao Pedrinho. À direita nota-se também uma fotografia emoldurada da médium Eliane que incorpora o Dr. Fritz.

Em outras partes, sobre as paredes, há fotografias de procedimentos cirúrgicos realizados, imagens de pessoas em retirada de tumores, raspagens de feridas e operações em olhos. Meus olhos registram aquelas imagens densas com certo estranhamento. Percebo em todas as fotos o rosto de uma mesma mulher, com pouco mais de cinquenta anos, de

cabelos loiros longos, presos. Após me informar com uma moça ao meu lado, descobri serem as fotos da médium, que intermedia a comunicação com o mundo espiritual, Eliane.

Vejo, na parte da frente do salão, a estátua de um homem, além de uma segunda de uma criança, com suspensório e boné, perto da porta de entrada. Ambas são de metal, escuras, quase pretas, com aproximadamente um metro e oitenta de altura. No teto, uma instalação branca, com estrutura de metal, formando uma estrela de seis pontas de quase um metro, e pequenas flores brancas dependuradas. Alguns bancos de madeira na lateral, e pouco mais de uma centena de cadeiras de plástico, também brancas, assim como as roupas da maioria dali.

O salão está cheio. Não há como identificar a intenção de cada um ali presente, mas percebo muitos grupos fazendo coisas distintas ao mesmo tempo. Dois parecem sobressair: os que ali estavam por buscar um tratamento físico, psíquico ou espiritual; e aqueles que procuravam servir como voluntários, auxiliando as pessoas e a organização daquele espaço. Noto que tal separação torna-se nítida em função principalmente das atitudes e da indumentária, uma vez que aqueles que pertenciam à casa não apenas se vestem de branco, mas usam jaleco. A maioria das pessoas canta. Com o salão lotado, agora não apenas ouço, mas faço parte deste grupo, cantando a canção *A Barca*¹¹:

Tu te abeiraste na praia. Não buscastes nem sábios, nem ricos. Somente queres que eu te siga... Senhor, Tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciaste meu nome. Lá na praia, eu deixei o meu barco. Junto a Ti, buscarei outro mar. Tu sabes bem que em meu barco... Eu não tenho nem espadas nem ouro. Somente redes e o meu trabalho... Senhor, Tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciaste meu nome. Lá na praia, eu deixei o meu barco. Junto a Ti, buscarei outro mar. Tu minhas mãos solicitas. Meu cansaço, que a outros descansem. Amor que almeja seguir amando... Senhor, Tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciaste meu nome. Lá na praia, eu deixei o meu barco. Junto a Ti, buscarei outro mar. Tu, pescador de outros lagos. Ânsia eterna de almas que esperam. Bondoso amigo assim me chama... Senhor, Tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciaste meu nome. Lá na praia, eu deixei o meu barco. Junto a Ti, buscarei outro mar... Junto a Ti, buscarei outro mar...

A canção *A Barca*, muito conhecida do repertório da Igreja Católica não se diferenciava muito, ali, daquela melodia que aprendi anteriormente, na época em que participava de um o grupo de jovens de tal religião. Contudo, há uma aceleração na velocidade, uma modificação no campo harmônico e na “batida”, além do timbre percussivo do violão. A voz feminina grave sobressai às vozes do salão.

¹¹ Composição de Padre Zezinho, de 1979.

Ainda ao som da música, pergunto para um voluntário da casa, que se diferenciava das outras pessoas dali pela postura próativa e pela cor branca da sua roupa, se havia uma ordem de atendimento, no que sou imediatamente orientada a pegar uma ficha com uma numeração pela ordem de chegada do lado de fora da casa.

Dirijo-me até a lateral e contando comigo, há vinte pessoas na fila. Percebo uma ordem e certa organização no funcionamento. Minha ficha é de número cento e três. Seria eu a centésima terceira pessoa a ser atendida neste dia. De volta ao salão, me sinto parte daquele grupo tão conectado pela música, que, então, pareceu-me naquele momento tão em uníssono e sincrônico. Sento-me ao fundo do salão para observar. A música executada agora se chama *Quando eu quero falar com Deus*¹²:

Quando eu quero falar com Deus eu apenas falo. Quando eu quero falar com Deus às vezes me calo. E elevo o meu pensamento. Peço ajuda no meu sofrimento. Ele é Pai, Ele escuta o que pede o meu coração. Quantas vezes eu falando com Deus desabafo e choro. E alívio pro meu coração eu a Ele imploro. E então sinto a sua presença. Seu amor, sua luz tão intensa. Que ilumina o meu rosto e me alegra em minha oração. Quanta paz, quanta luz. Deus nos ouve, nos mostra o caminho que a Ele conduz. Deus é pai, Deus é luz. Deus nos fala que a ele se chega seguindo Jesus. É tão lindo falar com Deus em qualquer momento. Deus que vê uma folha que cai e é levada ao vento. Não existe onde ele não esteja. Ele pode escutar nossa voz. Deus no céu, Deus na Terra, aonde seja, está dentro de nós. Quanta paz, quanta luz. Deus nos ouve, nos mostra o caminho que a Ele conduz. Deus é pai, Deus é luz. Deus nos fala que a ele se chega seguindo Jesus.

Presto atenção na mulher que canta ao microfone e toca violão. Toda sua vestimenta é branca, incluindo um jaleco e uma touca. Seus olhos se fecham quando canta. Consigo perceber que ao cantar se emociona em vários momentos, chegando às lágrimas. Pela minha percepção musical, é possível identificar uma diferença entre os volumes do violão e da voz. Voz com muito volume, microfonada, e violão sem amplificação. Olho em volta e observo pessoas sentadas nas cadeiras à minha frente, e algumas de diferentes idades cantam, muitas aparentando emoção. Algumas com um livro encadernado nas mãos, um tipo de coletânea de letras de músicas. Consigo um exemplar e descubro oitenta e oito canções organizadas por uma numeração. Músicas da “MPB”, católicas, evangélicas e espíritas formam aquela coletânea, que traz em sua capa o nome de hinário¹³, objeto que logo percebo desempenhar um papel que auxilia na coesão do canto entre pessoas que provavelmente nunca se juntaram antes. Há uma conexão entre as letras dessas canções: Deus, Jesus, Maria, espíritos mentores da casa, natureza e pessoas que trabalharam para o

¹² Composição de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, 1995.

¹³ Termo nativo.

próximo, entes encarnados e desencarnados, compõem os temas que prevalecem naquela encadernação.

Na frente do salão, ao lado dos músicos, observo uma mesa grande. Em cima dela flores vermelhas, e um pequeno busto de gesso de um homem barbudo, que identifico pela imagem como Dr. Bezerra de Menezes¹⁴. Ao lado esquerdo desta mesa há duas fileiras com cadeiras brancas, dispostas de cinco em cinco, e um banco de madeira, com capacidade também para cerca de cinco pessoas.

Perto de mim, observo uma moça vestida de branco, de pé, encostada na parede ao lado direito do salão. Ela cantava. Olho para trás e há uma senhora, também de branco, que cantava, embora mais timidamente. Instintivamente olho para o lado esquerdo e identifico, também encostado numa outra parede, do outro lado do salão, um senhor que, além de cantar, gesticulava com as mãos, como se quisesse mostrar a palma das mãos para as pessoas. Pergunto para outro senhor, sentado ao meu lado, o porquê daquele homem gesticular com as mãos daquela maneira, e fui informada que não só ele, mas aquelas pessoas que observara, vestidas de branco, são tarefeiros de sustentação do salão, cuja a função ali é a de equilibrar as energias daquele ambiente.

Desde que entrei, também percebi que o aspecto ou dado sonoro que predominava era a música, sendo interrompida apenas por pequenos avisos. Um homem de voz marcadamente grave lembrava-nos, de tempos em tempos, dos horários do início dos atendimentos aos sábados e domingos; da preparação para receber o tratamento, e de orientações dadas pelo espírito Dr. Fritz. Quem fosse passar pelos atendimentos não poderia comer carne vermelha nem fazer sexo durante doze horas após o tratamento; que Dr. Fritz realiza cortes físicos em alguns casos, e quem não desejasse tal procedimento, deveria informar aos auxiliares na sala de tratamento; das reuniões em dias de semana; de uma medicação chamada *Vida*, que era preparada e distribuída pelo próprio Dr. Fritz; além da alimentação gratuita oferecida, variando entre lanches e sopa.

Enquanto ouço um daqueles avisos, vejo outra moça vestida de branco e com jaleco sair apressada de uma das portas, e se direcionar até a mesa do salão. Trazia ela um recado do Dr. Fritz direcionado ao dirigente do salão.

– Que se façam sessenta minutos de vibração ininterruptos.

¹⁴ Bezerra de Menezes foi médico e deputado federal do Império. Foi presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro de 1878 a 1881, e presidente da Federação Espírita Brasileira de 1895 a 1900. Ver a esse respeito: Brito Soares, *Vida e Obra de Bezerra de Menezes*. Rio, FEB, 1962. A atuação de Bezerra de Menezes é considerada importante para a extensão e unidade dos grupos espíritas. (RENSHAW, 1969, p. 131 *apud* CAVALCANTI, 2008, p.38).

Imediatamente os avisos cessam, e posso perceber que a vibração mencionada é, de fato, a música. Nesses sessenta minutos de vibração, identifiquei a partir da minha memória musical canções como *Maria de Nazaré*, *José Grosso*, *Irmã Sheila*, *Oração de São Francisco*, *Faz um Milagre em mim*. Outras mais também são cantadas, que tento acompanhar lendo a letra e me esforçando para não sair muito da melodia. Percebo que em alguns casos a letra cantada difere do que está escrito. Noto uma semelhança na interpretação dessas canções, sempre forte, lembrando em alguns momentos músicas de seresta.

Enquanto eu e todos ali sentados aguardamos nossa vez para o atendimento, cantamos. Em alguns momentos aquelas músicas me arrepiam, e uma sensação de choro me inunda. Basta me concentrar na letra e esquecer o que acontece ao redor. Mas a concentração muitas vezes fica difícil, devido às muitas coisas que acontecem simultaneamente ali.

Ao redor, alguns tarefeiros entram e saem do salão, passos apressados, muitas vezes portando nas mãos instrumentos cirúrgicos e bandejas, e mesmo andando não deixam de cantar. Noto que aquelas pessoas de branco mais se assemelham aos profissionais de um hospital do que a pessoas trabalhando em uma casa religiosa.

Mesmo ouvindo pessoas cantando, por exemplo, algo para mim ‘desafinado’ ou ‘sem ritmo’, de acordo com parâmetros ocidentais, percebo que o resultado gerado é tão tocante e lindo, que vivencio outra realidade musical. Ao término de mais uma música, o senhor de voz grave marcante dá um pequeno aviso sobre um triângulo de madeira localizado ao fundo do salão pregado na parede. Ali as pessoas podem anotar em um papel nomes de familiares, amigos e conhecidos que necessitam de auxílio físico ou espiritual e que não estariam presentes. Segundo ele, uma equipe espiritual direcionará tratamento às pessoas cujos nomes estejam ali colocados. Agora ouvimos a canção do *Dr. Bezerra de Menezes*.

Enquanto acompanhávamos as músicas, percebo dentro do salão a formação de uma fila que começa ao lado direito, frente a uma porta, e se estende por todo o recinto, formando uma meia-lua ao redor das cadeiras posicionadas ao centro. Conto aproximadamente cinquenta pessoas naquela fila. Nas mãos de cada uma delas há um pequeno pacote de um papel pardo com um número e um nome, que suponho ser da própria pessoa que o segura.

O tempo estipulado de vibração termina e avisa-se que aquelas pessoas que se encontram na fila irão receber o medicamento, e que devem se posicionar de frente para a

médium. As pessoas na fila receberam a medicação por via oral, sendo que o Dr. Fritz, através de uma seringa sem agulha, injetava o remédio na boca de cada um e prepara outras doses para serem levadas para casa.

A execução e organização dos atendimentos contam com a ajuda de dezenas de voluntários. Assim que cheguei, pude observar que enquanto a música acontece, há um rapaz, com cartazes de cartolina com numerações, sempre de cinco em cinco. Quando chega nosso número de ficha, nos levantamos e caminhamos até a frente, onde há cinco cadeiras encostadas na parede ao lado direito do salão. Meu número é chamado.

Levanto e me direciono até aquelas cadeiras encostadas na parede. Uma moça de branco pede para eu entregar o casaco e a bolsa a ela, e logo sou conduzida junto a mais duas pessoas a uma pequena sala, com duas portas e oito cadeiras encostadas às paredes, e cinco pessoas de branco de pé, para recebermos um passe. Já na porta sou conduzida a uma das cadeiras e uma das pessoas de pé se dirige a mim, muito sutilmente, e diz ao meu ouvido:

– Pense em Jesus.

Ela impôs suas mãos próximas a minha cabeça, e cantou – junto às outras quatro assistas – a mesma canção que acontece no salão principal naquele momento. Suas mãos faziam movimentos como se estivesse puxando algo invisível do meu corpo, em seguida erguiam-se acima da linha de sua cabeça e ao receber algo, também invisível, me entregava gradativamente, através do direcionamento de suas mãos em partes do meu corpo. Essa ação não dura mais que um minuto, e logo em seguida sou convidada a trocar de lugar e a me sentar em outra cadeira. Fico de frente para a outra porta. Uma moça é orientada a se levantar e se põe próxima a ela, ainda fechada.

A porta se abre, a moça entra e rapidamente a porta se fecha novamente. Mesmo na velocidade dessa ação, percebo uma agitação vinda do outro lado. Sou mais uma vez direcionada a outra cadeira. A minha vez chega, e me colocam de pé, preparada também para adentrar aquele outro ambiente. A porta se abre e entro.

O que vejo é um ambiente escuro, esverdeado graças a luzes especiais no teto; alguns quadros e uma imagem de uma estrela de seis pontas. Há algumas macas já com algumas pessoas deitadas, e dezenas de pessoas voluntárias vestindo branco, auxiliares do espírito do Dr. Fritz, incorporado na médium Eliane. Há, segundo os tarefeiros, dois planos dimensionais que trabalham simultaneamente ali: o terrestre, onde a médium e seus auxiliares emprestam seus corpos, intenção e energia ao plano espiritual, e o plano dos

espíritos que trabalham realizando tratamento físico e espiritual, representado pelo Dr. Fritz e outros mentores.

Há uma aparente velocidade no trânsito dos atendimentos. Tenho a impressão de estar em um ambulatório de um hospital, devido à grande agitação. Alguns auxiliares pedem curativos, outros andam rapidamente de um lado ao outro. Uma auxiliar me pergunta o que eu estava sentindo, e digo estar ali para fazer uma pergunta ao Dr. Fritz. Como se não me ouvisse, sou direcionada até a uma maca e de forma cuidadosa, porém pontual, sou convidada a me deitar. Refaço mentalmente a pergunta ao Dr. Fritz, e sinto alguém pegando em minha mão esquerda. Era uma auxiliar, que logo diz:

- Pense em Jesus minha irmã. Você está muito ansiosa.
- Quando Dr. Fritz chegar você poderá perguntar o que quiser a ele.

Neste instante, um rapaz pede licença e levanta minha blusa até a altura do sutiã, e desabotoa minha calça jeans, deixando minha barriga inteiramente à mostra. Ainda ouço ao fundo, com pouca intensidade, a música vinda do salão e da cabine de passe. Sinto, neste momento, um misto de ansiedade, medo de ser cortada, curiosidade, vontade de desistir, levantar dali e ir embora. Todas essas sensações tomam conta da minha cabeça.

Dr. Fritz chega com alguns auxiliares até a minha maca e pergunta:

- O que a filha sente?
- Quero perguntar algo para o senhor.

Ele, de forma rápida, precisa, pede algo a um dos seus assistentes, e com as mãos em minha barriga sinto como se algo muito frio, uma lâmina, passasse nela. O frio me recordava um bisturi, porém não sentia dor. Imediatamente, com uma voz rouca, pede curativo. Auxiliares fazem o curativo¹⁵. Esse procedimento não dura mais que quinze segundos. A presença desse espírito me traz uma calma inexplicável, mesmo com toda a agitação que acontece em volta de mim. Apesar da médium ser de pouca estatura e um pouco franzina, a sensação que aquele corpo me traz é de um homem de aproximadamente dois metros. Não tenho como explicar essa impressão.

Ele fala algo se dirigindo a mim, porém não entendo muito bem o que diz. Há um sotaque cuja origem não identifico, mesmo conhecendo sua história na literatura espírita, sabendo que foi um médico socorrista alemão que viveu na época da Primeira Guerra Mundial.

¹⁵ O ato de fazer o curativo é, na maioria das vezes, demarcar com gases e esparadrapos o lugar onde Dr. Fritz realizou a cirurgia espiritual. No local em questão é recomendado não molhar por 24 horas.

Digo que gostaria de pedir sua autorização para fazer um trabalho de descrição etnográfica sobre a música, e se posso fotografar o salão. Com sotaque, enquanto falava, ele dizia: Iá, iá. Termino minha pergunta, e ele fica alguns segundos em silêncio. Pede a seus assistentes para me sentarem na maca. De frente pra mim, estende sua mão, apertando minha mão a dele, como um pacto acertado entre nós. Sinto-me conectada àquele espírito, de uma forma estranha e intensa. Meu coração se acelera e lágrimas saltam dos meus olhos, como se perdesse o controle sobre meu corpo. Ele diz mais algumas frases que, pela minha emoção, acabo não compreendendo. E como em um gesto de carinho, leva minha cabeça de encontro a seu peito. Eu agradeço mentalmente e por palavras. Dr. Fritz coloca uma pequena toalha branca com seu nome gravado em minhas mãos, e sai para o próximo atendimento.

Outros auxiliares me ajudam a descer da maca e rapidamente me conduzem à porta de saída. Chego a outro ambiente, uma pequena ante-sala, que dá acesso ao salão novamente. Além de alguns jalecos dependurados e um banco de madeira, há uma senhora que me oferece um copinho com água fluidificada. Enquanto me recomponho, ali sentada, tomando aquela água, uma moça de nome Letícia – uma auxiliar, que mais tarde viria a saber tratar-se da principal auxiliar de Dr. Fritz na sala de tratamento – gentilmente pede meu número de telefone e o meu nome completo. Neste momento me dou conta que há uma toalha comigo, aquela que Dr. Fritz deixou em minhas mãos. Tento entrega-la, então, à Letícia, dizendo eu que o Dr. havia se esquecido de pegar de volta.

A auxiliar imediatamente me diz em resposta que tal toalha é um presente, um gesto de carinho a mim. Que poucas pessoas a recebem e que muitos dos voluntários, que trabalham há anos aqui, gostariam de ter tido esse privilégio. Ela contém a energia viva do Dr. Fritz. Me pede, quase com um gesto, para guardá-la com carinho por toda a vida. Enquanto ouço, me vem a cabeça uma afirmação:

– Meu pedido foi aceito.

Volto ao salão me lembrando de pegar minha câmera e blusa de frio que estavam no corredor em um cabideiro. Dirijo-me até o fundo do salão, já disposta a começar a fotografar. Como minhas mãos estão ocupadas com a toalha, a blusa e a câmera, coloco o agasalho na bolsa da câmera, e a toalha joga no ombro, do lado esquerdo. Mal começo a fotografar e um rapaz, de branco, se dirige a mim, informando que eu não posso fotografar ali. Mal termina a frase e me pede desculpas e diz que se equivocou. Não entendo muito e continuo a tirar fotos. De repente, uma senhora, de pouca estatura – que mais tarde eu

soube se tratar da presidente da casa, D. Zumira – me pega pelo braço e, contundente, com voz em tom de ordem, diz:

– O que você está fazendo? Aqui não pode fotografar!

E antes que eu me justifique, ela pede pra eu guardar a câmera e me sentar. Tento argumentar, dizendo que já conversei com o Dr. Fritz, e ela também fixa seu olhar na toalha, e dá um pequeno sorriso, quase como um pedido de desculpas. Percebo que ali aquela toalha tem outras significações. Um objeto que ganha outras funções e sentidos.

A partir desse dia memorável, fui me tornando frequente na CAFOL, e estabelecendo ali meu “campo”, além de participar também, de forma intensa, como tarefaira. Passei a ocupar um lugar de participação observante, por assim dizer, durante os últimos dois anos. Essa participação, que considerei privilegiada, me abriu caminho para um olhar sobre os aspectos cosmológicos da CAFOL.

Na CAFOL a localização geográfica, os ritos com seus cantos, objetos, as paisagens, estudos, tratamentos de saúde, curas, humanos espíritos e humanos encarnados se entrecruzam, formando o que hoje compõe sua eficácia. Ali, dois planos dimensionais são acessados dinamicamente, ilustrados e agenciados por encarnados e desencarnados. Buscando uma compreensão dos sujeitos e objetos que compõem esse grupo e essa dinâmica, realizo apontamentos sobre localização e definições nativas da CAFOL, sua sociedade entre planos dimensionais distintos – do mundo espiritual e do mundo físico –, seu funcionamento e por fim as tarefas.

1.2 Fundação, localização e definições nativas

A CAFOL teve sua fundação em 22 de dezembro de 1998. Surgiu a partir de uma comunicação psicofônica¹⁶, em um médium, de Dr. Fritz, em uma reunião de um centro espírita localizado no bairro Esplanada, em Belo Horizonte. Nesse dia estavam presentes, além de Eliane, também D. Zumira, que veio a se tornar presidente da CAFOL. O espírito Dr. Fritz manifestou então interesse em abrir um espaço em Sabará, próximo ao Rio das Velhas, para que realizasse atendimentos de cura. Inicialmente, foi alugada uma Casa, no

¹⁶ A comunicação psicofonia é a mediunidade que permite a comunicação oral de um humano espírito através de um médium. Kardec a denominou “mediunidade falante”, ou seja, aquela faculdade que possibilita o ensejo para que os espíritos entrem em contato através da palavra, travando conversações.

bairro Arraial Velho, em Sabará, onde Dr. Fritz trabalhou por quase três anos. Em outubro Do ano de 2003, D. Zumira conseguiu, através da prefeitura, a concessão de um loteamento para a construção de futuras instalações da CAFOL. Com isto, a partir do segundo semestre de 2004 os atendimentos já eram realizados no endereço que se conhece atualmente: Rua Charles Bizet, 1250, Rosário II, Sabará/MG.



Figura 3: Localização da CAFOL, em Sabará, vista via satélite. (Fonte: Google Maps, 2018).



Figura 4: Mapa (via satélite) da localização da CAFOL, de Sabará, com referência à distância em relação à capital Belo Horizonte. (Fonte: Google Maps, 2018).

Atualmente, além da Casa em Sabará a CAFOL conta também com sede em Congonhas, cidade onde Dr. Fritz iniciou seus trabalhos de cura no Brasil (através do médium Zé Arigó, como mencionado antes). De maneira semelhante, também em

Congonhas a sede se encontra nas proximidades de um curso d'água: o Rio Maranhão. O endereço dessa segunda sede é: Rua Marques do Bonfim, 197, no bairro Praia.



Figura 5: Foto (via satélite) com referência a localização da CAFOL, sede de Congonhas/MG. (Fonte: Google Maps, 2018).

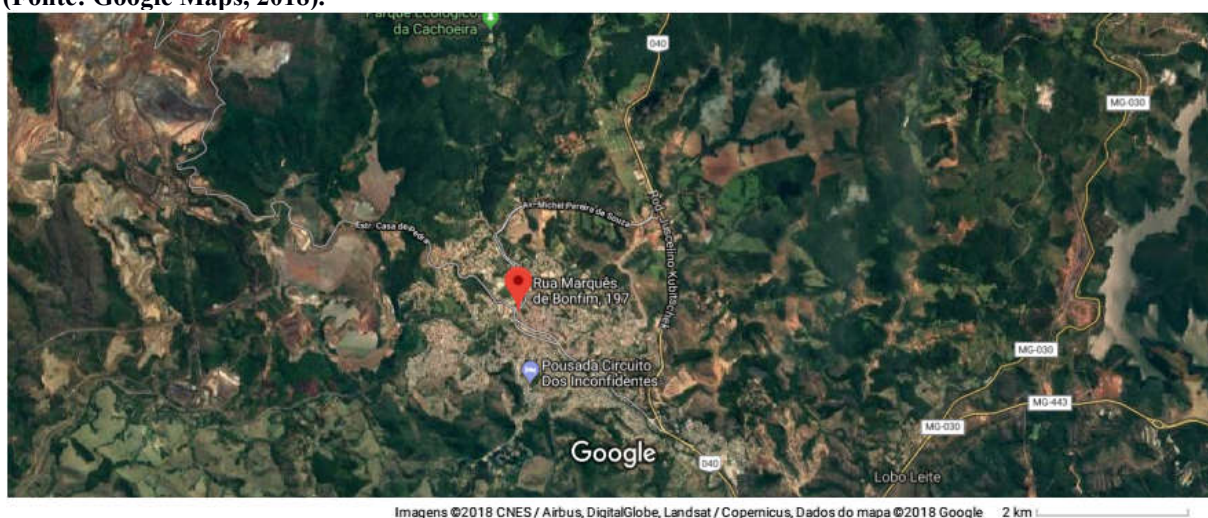


Figura 6: Foto (via satélite) de Congonhas e seus arredores, e marcação da posição da sede da CAFOL na cidade. (Fonte: Google Maps).

Buscando entender aspectos conceituais do trânsito do que seria a CAFOL¹⁷, a partir da soma de uma vivência e de uma convivência, com tarefeiros, principalmente os mais antigos, reflito a partir dessas fontes, o próprio nome da casa, seu site, ou o trabalho fonográfico do Coral e da presidente cofundadora da CAFOL. Seguindo Latour (2012, p.

¹⁷ Uma maior explanação sobre isso pode ser lida no subcapítulo a seguir – A sociedade CAFOL (no item 1.3 deste Capítulo 1).

54)¹⁹, o objetivo nessa busca não é o de alcançar razões empíricas nem tão pouco defini-los para um enquadramento, fazendo as exceções desaparecerem do contexto, mas principalmente rastrear suas práticas de sentido, buscando uma compreensão cosmológica.

No site institucional da CAFOL, encontra-se a postulação:

A Instituição Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz [...] é uma associação sem fins econômicos, sendo, portanto, filantrópica, tendo por finalidade incentivar junto à comunidade a promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos.

Outra definição conceitual nativa é encontrada no segundo trabalho fonográfico da CAFOL, na faixa 01 de cada um dos dois CDs, trazendo uma narrativa feita pela tarefeira Ilma, a pedido de Eliane²⁰, orientada por sua vez pelo plano espiritual: “A Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz, conhecida como casa de todas as pessoas e religiões”. Por último, em conversa informal, e respondendo a uma indagação sobre “o que seria a CAFOL”, D. Zumira diz de forma direta: “Aqui é um hospital”²². Diante dos vários e distintos sentidos mostrados (casa de auxílio e fraternidade, instituição filantrópica, casa de religião e hospital) faço uma breve reflexão a seguir.

“Casa de auxílio e fraternidade” pode ser compreendida, aqui, como um espaço de ação, uma habitação temporal para a prática da caridade. Um aspecto é que dentro dos portões, inclusive no estacionamento do imóvel, é terminantemente proibido fumar²³ devido à destruição de fluidos preparados para a cura em toda a área (inclusive ao ar livre) da CAFOL. A casa deste plano é sólida e cercada, protegida por muros, alarme, grades, tarefeiros e portões; pela dimensão etérea, por espíritos que trabalham e garantem ali o acesso aos encarnados de maneira mais efetiva. A proteção da casa se assemelha a um local vigiado, porém a sensação ao adentrar o espaço, pode ser de aconchego de um lar, de paz. Por outro lado, há uma dialética entre dentro/fora que confere aos visitantes que estão dentro uma condição diferente dos que estão fora.

As instituições são unidades compostas de tradição, dotadas de significação e que correspondem a uma cultura interna, responsável pela manutenção da cooperação entre os indivíduos e mantida através da transmissão entre o fluxo das ações (MALINOWSKI, 1984). Para o autor:

¹⁹ Tal crítica (LATOURE, 2012, p. 53-59) a respeito de definição de grupos, chega a uma conclusão relativista, onde as exceções proporcionam ao pesquisador os recursos necessários para identificar as conexões sociais.

²⁰ Segundo informações cedidas pela maestrina, Camila, em julho de 2018.

²² Diálogo entre a pesquisadora e Dona Zumira, em agosto de 2017.

²³ Informação passada no salão em todos os dias de tratamento e cura.

(...) instituição é sempre uma unidade multidimensional [...] ela compreende uma constituição ou código que consiste no sistema de valores em vista dos quais os seres humanos se associam; isto é, corresponde à ideia da instituição tal como é concebida pelos membros da própria sociedade. (*idem*, 1984, p. XIII)

Pensar em “casa de todas as religiões” nos faz identificar uma característica comum entre as várias práticas religiosas: a espiritualidade. Enquanto a religiosidade tem em seu eixo central a fé e a crença em dogmas da própria religião, católicos, umbandistas, evangélicos, espíritas, entre outros, buscam através de sua religião algo em comum: a espiritualidade. Apesar de ser possível identificar, por suas práticas e símbolos, várias religiões na CAFOL, conferindo seu hibridismo, o acesso à espiritualidade é o traço recorrente que confere sentido. Como ilustração de traços de religiões distintas, por exemplo, a oração do *Pai Nosso* (presente em várias denominações religiosas cristãs), a oração da *Ave Maria* (própria do catolicismo), o estudo de obras de Allan Kardec e outros autores espíritas, como Francisco Cândido Xavier, João Nunes Maia, entre outros (espiritismo), a comunicação de espíritos como Zé Pelintra (umbanda), passes (espiritismo), partes rituais de homilia em frases com exclamativa e resposta, ao final dos trabalhos, como “– Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!” e “– Para sempre seja louvado!” (católico), incorporação (espiritismo, umbanda, entre outras), louvores com cânticos (das religiões evangélicas, católicas e espíritas) e imagens (católico). Mas a partir destas ações, independente do tipo de religiosidade, é possível identificar um acesso à espiritualidade, à emoção, como sensações de paz, choros, entre outros. Outro exemplo a ser dado é de uma senhora, aparentando setenta anos, evangélica e frequentadora da CAFOL, com quem pude conversar. Para ela o fato de estar ali não interfere em sua religião²⁴.

Para entender a CAFOL como um hospital, amparo-me em ideias tais como as de Cupertino (2017, p. 13) que postula que o “sistema médico” e o tratamento – ou qualquer denominação para uma busca por saúde – podem encontrar variações em sociedades distintas, e que sua decodificação é possível a partir do modo pelo qual o termo é utilizado. Assim, para definir o que é um tratamento, é necessário refletir sobre o que é doença, o que é corpo e a cosmologia em torno dele. Para a pesquisa de Cupertino (2017), entre um povo indígena em Minas Gerais, o tratamento parece se direcionar principalmente para a doença “indígena”, aquela que numa perspectiva mecanicista do corpo (hegemônica entre nós)

²⁴ A única frequentadora de religião neopentecostal que conheci em campo.

nem seria doença. No caso da CAFOL, os pacientes procuram o Dr. Fritz tanto para males reconhecidos pela medicina hegemônica quanto para males eminentemente espirituais. Apesar de Dr. Fritz realizar procedimentos e cura no corpo biológico, na maioria das vezes seu tratamento é feito no perispírito²⁵.

1.3 A sociedade CAFOL

Para entender sobre os agentes dessa associação composta por visitantes, fiéis, pacientes, tarefeiros, espíritos e médium, proponho nos aprofundarmos um pouco mais sobre esse grupo.

Espíritos, médium, tarefeiros, pacientes, visitantes e fiéis, participam e formam a sociedade CAFOL. Em dois planos dimensionais, entre visível e invisível, mundo de cá e de lá constroem, comunicam e mantêm uma multiplicidade de vozes, garantindo seu dinamismo e sua eficácia.

Alguns autores, amparados na oposição da sociologia religiosa, traduzem essa separação entre mundo de cá como profano imperfeito e impuro, e de lá como espiritual, puro e perfeito (DURKHEIM, 1968; DOUGLAS, 1966; e HUBERT e MAUSS, 1968; apud CAVALCANTI, 2008, p. 27). Contudo não são oposições que se excluem, mas se complementam numa relação de hierarquia e oposição²⁶.

Assim, se idealmente o Mundo Espírita ou Invisível dispensa a existência do Mundo Visível, no funcionamento desse sistema os dois termos complementam-se numa relação de oposição hierárquica. Em um plano, o Mundo Visível opõe-se ao Mundo Invisível. Em outro, os dois mundos complementam-se, o Mundo Invisível transcende, engloba e confere sentido ao Mundo Visível. A realidade religiosa espírita nasce dessa permanente relação (CAVALCANTI, 2008, p. 28).

Entendo o “lado de cá” como formado pela médium Eliane, tarefeiros e visitantes/fiéis/pacientes; e “o lado de lá” representado pelo espírito Dr. Fritz, mentores, trabalhadores espirituais e espíritos visitantes/fiéis/pacientes. Para entender um pouco mais sobre os interlocutores de cada plano, proponho duas categorias: “o mundo de cá” e o “de lá”.

²⁵ Veremos com mais detalhes no Capítulo 2.

²⁶ Para maior entendimento ver Cavalcanti (2008, p. 27).

1.3.1 O “lado de cá”

A interlocutora chave do “mundo de cá” na CAFOL é a médium Eliane. Sua dedicação ultrapassa a incorporação do médico Dr. Fritz nos atendimentos dos finais de semana. É dela que parte o principal intercâmbio entre os dois planos, incluindo o recebimento de letras e melodias de canções inéditas; incorporação de mentores como Pedrinho, Dr. Bezerra de Menezes, entre outros, ou ainda a transmissão de recados e visões da dimensão espiritual.

Os tarefeiros, muitas vezes ex-visitantes/fiéis/pacientes, desempenham papéis auxiliares a essa mediação. Todos os trabalhos são voluntários e obedecem ao crivo do médico espiritual. Apenas Dr. Fritz e D. Zumira podem admitir tarefeiros, e só Dr. Fritz pode mudá-los ou realizar a suspensão de suas funções. São muitas tarefas com equipes que se revezam para dar conta da demanda de tantas horas trabalhadas, entre oito e quinze horas ininterruptas em um dia de atendimento. Essas especificações são: entrega de senha para atendimento, cozinha; campanha do quilo; passe, dirigentes do Salão; equilíbrio; evangelização infantil; estudos e palestras; sala de tratamento; distribuição de água fluidificada; livraria; recolhimento e entrega de objetos pessoais de visitantes/pacientes/fiéis; mostra de numeração de fichas no salão; entrega de envelope, senha, embalagem e distribuição da medicação *Vida*; bandeja; vibração e Harmonização.

De um ponto de vista numérico, o maior contingente da CAFOL é aquele dos aqui chamados visitantes/fiéis/pacientes, que entrecruzam, se associam e se opõem, realizando uma dinâmica entre papéis. São aproximadamente duas mil pessoas por final de semana, distribuídos em dois dias de atendimento. As três categorias – visitante, fiel, paciente – podem ser ativadas separada ou simultaneamente, por uma mesma pessoa em um mesmo momento. Seus fluxos têm motivações variadas, entre curiosidade, acompanhamento de outra(s) pessoa(s), fé, busca por cura, descrédito ou esgotamento dos recursos do tratamento biomédico convencional²⁸, entre outros.

²⁸ É necessário pontuar que em todas as reuniões se avisa que não se deve abandonar o tratamento, pelo “médico do corpo físico”.

1.3.2 O “lado de lá”

Adolph Fritz Yepersoven, conhecido como o Dr. Fritz, é o espírito de um médico alemão/polonês que, em sua última encarnação, trabalhou na primeira guerra mundial²⁹. Através de vários médiuns em diferentes partes do Brasil, atende exercendo trabalho de tratamento de saúde e cura. José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, em Congonhas, Minas Gerais, foi o primeiro médium que incorporou o médico, na década de 1950³⁰. Atualmente incorpora-se nas cidades de Sabará e Congonhas na médium Eliane. Faz parte da equipe da CAFOL, com outros que mentores também trabalham auxiliando no funcionamento da casa.

Os espíritos visitantes/fiéis/pacientes, sem corpos biológicos, se tornam também pacientes, a cura operando apenas através do perispírito. Em alguns episódios específicos espíritos visitantes tentaram incorporar na CAFOL, sendo necessária a ação de Dona Zumira para a prática de desobseção.

Os mentores da casa são mencionados através de narrativas, canções, quadros e de ilustrações. Uma tela situada no salão trazia, assim, começando pelo alto à esquerda e seguindo em sentido horário, os bustos de Eurípedes Barsanufu, Dr. Fritz, Mestre Joel, Dr. Bezerra de Menezes, Irmão Tobias, Irmã Sheilla, Pedrinho e Meimei (Figura 7). Outro quadro trazia Frei Fabiano de Cristo (Figura 8).



Figura 7: Mentores “do lado de lá” da CAFOL. Da esquerda para a direita, sentido horário: Eurípedes Barsanufu, Dr. Fritz, Mestre Joel, Dr. Bezerra de Menezes, Irmão Tobias, Irmã Sheilla, Pedrinho e Meimei.

²⁹ Oliveira (2014, p. 76).

³⁰ Oliveira (2014).

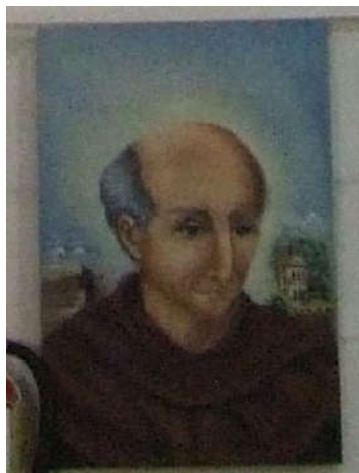


Figura 8: Retrato de Frei Fabiano de Cristo, outro mentor espiritual da CAFOL.

Além dos mentores, espíritos tarefeiros auxiliam nos atendimentos ora no salão, ora na sala de tratamento, ou mesmo em outros ambientes. Há uma hierarquia social, onde Mestre Joel ocupa um lugar de destaque, como nos informou o tarefeiro dirigente do salão aos sábados, Márcio, e a tarefeira musicista Consolação, o que parece confirmado pelo lugar central e mais elevado que este mentor ocupa no quadro mencionado logo antes. Há uma sequência de dez a doze cantos que é usada durante os atendimentos que Consolação dedica especificamente aos mentores. A canção que abriu esse bloco, em todas as vezes que participei, foi *Mestre Joel*.

Buscando entender não só essas ações rituais, mas compreender uma organização temporal, parto para uma pequena descrição do funcionamento da CAFOL, refletindo sobre seus aspectos dinâmicos e funcionais.

1.4 Funcionamento

Durante um período de quase dezoito meses no qual estive presente como observadora participante, tanto em Sabará quanto em Congonhas, a abertura da casa era a partir das 04h00 da manhã. Atualmente, acontece às 06h00 em Sabará, e às 07h00 em Congonhas.

O funcionamento segue ações nas quais toda a sociedade CAFOL se dinamiza, dando formas e contornos à performance do dia. Mesmo antes da abertura da casa, os tarefeiros e visitantes/pacientes/fiéis começam a chegar. Enquanto os tarefeiros se agrupam na frente da porta de entrada do salão – ainda fechado, aguardando a chegada da médium – os visitantes/pacientes/fiéis formam uma fila na lateral da casa, organizada pela ordem de chegada. Há uma pequena mesa no início da fila onde deverão colocar nome completo e

cidade de origem em um livro de visitas, quando receberem a ficha numerada, por ordem de chegada. Assim que é aberta a casa que dá acesso ao salão, as fichas começam a ser distribuídas, e o salão começa a ser ocupado pelos visitantes/paciente/fiéis e tarefeiros que trabalham em diversas áreas da CAFOL. Além disso, os CDs do coral são reproduzidos até o início dos trabalhos.

Assim que a médium Eliane chega à CAFOL, ela entra para a sala de tratamento e aguarda a chegada de Dr. Fritz. Preparativos como a distribuição dos hinários, afinação dos instrumentos musicais, colocação de água nos jarros na mesa do salão, entre outros, acontecem na maioria das vezes antes da chegada do doutor³¹. Pequenos avisos sobre o início dos trabalhos e pedidos de silêncio podem ocorrer antes do início dos atendimentos. Pouco antes da chegada de Dr. Fritz, a oração do *Pai Nosso* pode ser feita mais de uma vez. Assim que ele chega, em um recipiente de vidro (que lembra um aquário retangular) são colocados alguns litros de água, na sala de tratamento, e Dr. Fritz se direciona, fazendo um gesto corporal, indicando uma rogativa individual, e a partir disto são iniciados os trabalhos com a música *Medicação de Amor*³².

Rapidamente os tarefeiros seguem para suas respectivas atividades. Os números das fichas começam a ser chamados para ocuparem as cadeiras laterais, onde seus pertences são recolhidos e levados para outro local. Em seguida, recebem o passe e entram para a sala de tratamento³³. Assim que são atendidas pelo Dr. Fritz, as pessoas são encaminhadas para outra porta, que dá acesso a um pequeno espaço recuado do salão principal, onde podem se sentar por instantes e recebem uma pequena dose de água fluidificada. Passando pelo salão entram por um corredor estreito, que dá acesso à cozinha, aos banheiros e à lateral da casa. Pegam seus pertences e outra ficha para a medicação *Vida*³⁴. Voltam ao salão por pelo menos vinte minutos³⁵. Os visitantes podem, a partir daí – durante a espera da medicação – optar pela permanência no salão, no jardim, ou na lateral da casa. Assim que o último visitante/paciente/fiel é atendido, todos os tarefeiros também recebem o mesmo tratamento.

³¹ Em casos esporádicos, Dr. Fritz já incorporou em Eliane Gonçalves ainda no carro, na chegada da CAFOL.

³² Canção que trataremos com maiores detalhes no Capítulo 3.

³³ É importante mencionar que todas as atividades, como palestras, lanches, sopa, evangelização infantil, entre outras, acontecem sem que Dr. Fritz pare o atendimento. As necessidades do corpo físico da médium como se alimentar ou ir ao banheiro só são novamente realizadas quando Dr. Fritz deixa o corpo de Eliane Gonçalves.

³⁴ Tal medicação é dada individualmente, em dois momentos no dia pelo Dr. Fritz. Geralmente os cem primeiros visitantes/pacientes/fiéis recebem antes das 8h da manhã, e podem ir embora para casa. Os demais receberão a medicação ao final dos trabalhos.

³⁵ Normas da CAFOL.

Enquanto os últimos atendimentos de tarefeiros acontecem, D. Zumira prepara o salão, para que Dr. Fritz atenda ali. A dinâmica é ágil, a pausa entre uma música e outra não pode ser extensa e no local desse atendimento a permanência de pessoas é restrita à função. No caso de tarefeiros, apenas os que estão trabalhando no salão, e dos visitantes/pacientes/fiéis somente os que foram chamados pela numeração para recebimento da medicação. Do mesmo modo, assim que todos os visitantes/pacientes/fiéis forem atendidos, todos os tarefeiros também recebem a medicação.

Ao comando de D. Zumira saem todos que tenham condição de se locomover, e lá fora formam uma fila, que varia entre 50 a 300 pessoas³⁶, entrando novamente ao salão de 10 em 10, de acordo com a velocidade dos atendimentos de Dr. Fritz. Já dentro do salão quando o visitante/paciente/fiel entra, encontra duas filas – uma para recebimento da medicação e outra, paralela a esta, da equipe da bandeja. Nesta equipe cada membro é responsável por um visitante/paciente/fiel, com a função de direcioná-los até o recebimento da medicação, e saída do salão. Assim que a medicação é recebida pela pessoa da fila na boca, são depositadas as outras doses na bandeja do tarefeiro (em seringas descartáveis, que podem variar em quantidades), este deve acompanhar o visitante/paciente/fiel até a equipe de embalo, e voltar novamente à fila da bandeja.

Assim que todos os presentes recebem a medicação, Dr. Fritz faz um pronunciamento, que varia entre dois e cinco minutos, tratando de temas variados relacionados à conduta e evolução moral. Em seguida convida a todos a levantarem as mãos e a receberem (espiritualmente) as “bênçãos do céu” direcionadas a cada um ali presente. Em tom firme exclamativo, todos rezam a oração do *Pai Nosso*. Dr. Fritz faz pequenos comentários sobre o dia de trabalho, a firmeza, o empenho e a força dos tarefeiros, apesar do aparente cansaço, e agradece a todos e sai do salão. Em seguida um tarefeiro diz ao microfone:

– Dr. Fritz e o plano espiritual agradecem os trabalhos realizados nesta casa, no dia de hoje. Neste momento, vamos aplaudir os trabalhos.

Todos no salão aplaudem animadamente. Um tarefeiro ou um visitante/paciente/fiel diz em tom exclamativo:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

E todos respondem:

– Para sempre seja louvado!

³⁶ Essa dinâmica pode sofrer pequenas alterações devido à quantidade de pacientes/visitantes/fiéis, de uma localização para outra (Sabará e Congonhas) e conforme orientações de Dr. Fritz.

Uma música é cantada à capela, em uníssono, em tom de louvor pelos tarefeiros: *Se caminhar juntos*. O dirigente do salão agradece a presença de cada um, reza o *Pai Nosso*, novamente, e a *Ave Maria*, finalizando assim os trabalhos de atendimento daquele dia. Enquanto os visitantes/pacientes/fiéis vão embora, tarefeiros se alimentam, descansam, terminam tarefas como limpeza, organização, guardam instrumentos musicais e se preparam para o momento de estudo de obras espíritas, a partir de análises e reflexões sobre vários temas. Enquanto isso, a médium se recupera, alimentando-se e descansando, e se preparando para a saída da casa. Muitos tarefeiros aguardam sua saída. Assim que ela entra no carro e sai da CAFOL, nenhum tarefeiro deve permanecer na casa.

Para que essa dinâmica aconteça, um corpo de tarefeiros encarnados, dividido entre várias equipes, assume funções de atendimentos e organização. Essas especificações das tarefas ao longo dos atendimentos são: Cozinha (preparação de dois lanches e uma sopa para os entre 500 e 1000 indivíduos presentes em cada dia de atendimento), Campanha do Quilo (arrecadação de alimentos porta a porta por bairros de Sabará), Passe, Dirigentes do Salão e da Casa, Equilíbrio (limpeza durante os atendimentos), Palestras, Evangelização (para crianças), Sala de Tratamento, Equipe da distribuição de Água, Livraria, Recolhimento e Entrega de Objetos, Mostra de Senhas, Recepção, Senha para a medicação *Vida*, Bandeja, Embalo e Distribuição da medicação, Vibracional e Harmonização (responsável pela música). Falaremos dessas duas últimas logo adiante.

Todas as equipes são também responsáveis por manter um equilíbrio energético nos trabalhos do dia, possibilitando o acesso e intercâmbio a outros planos dimensionais. É essencial que a concentração prevaleça, e conversas paralelas entre tarefeiros não são apreciadas na Casa. Enquanto a Equipe Vibracional se mantém em preces, a de Harmonização toca e canta. Uma tarefa extremamente valorizada e praticada na CAFOL corresponde justamente ao canto.

Desde a entrada na casa, antes mesmo dos atendimentos se iniciarem, um CD com música coral é reproduzido. Há um incentivo ao canto por parte do dirigente do salão e da Equipe de Harmonização a quem aguarda por tratamento no salão. Já dentro da sala de passes, seu recebimento acontece ao som de cantos. Logo após o início dos trabalhos de cirurgia, com a chegada de Dr. Fritz e a feitura da medicação *Vida*, uma ordem direta do médico espiritual é dada ao dirigente do salão através da responsável pela sala de tratamento, que fala ao dirigente, que nos orienta:

– Sessenta minutos de vibração!

Após tal comando, mesmo que esteja acontecendo alguma palestra ou outra atividade no salão, tudo é interrompido e a música ao vivo é iniciada. Também dirigentes do Salão, ao pedirem a equipe de músicos, anunciam ao público que serão realizados momentos de vibração através da música. Enquanto a medicação é distribuída, a música também deve acontecer ininterruptamente.

Neste capítulo foi possível conhecer um panorama geográfico da CAFOL, sua fundação, assim como algumas definições nativas e interpretativas, a partir de uma breve análise dos agentes sociais dos dois planos dimensionais³⁷ da Casa e de seu funcionamento. A atenção, de agora em diante, se dirigirá para algumas modalidades sensíveis, as quais, através de um fluxo dinâmico das ações, reações e interações, ampliam o entendimento sobre o que traz sentido à sua performance. No Capítulo 2, procuro, então, analisar elementos culturais da CAFOL, como produções visuais, literatura, noções de pessoa e de corpo – buscando também uma reflexão sobre suas práticas.

³⁷ Termo utilizado por Cavalcanti (2009).

CAPÍTULO 2 – OPOSIÇÃO E SUAS SIGNIFICAÇÕES

2.1 Onde estão os quadros?

Sábado. Dia de tarefa. Vinte e oito de outubro de 2017, pouco antes das quatro horas da manhã e já me encontro aqui na Casa. A fila lateral para a senha de atendimento chega ao estacionamento. Faz frio. Enquanto dou bom dia para os que estão na fila, nela observo crianças bem pequenas, pessoas em cadeira de rodas, com equipamentos para respirar, todas aguardando calmamente. Rostos conhecidos de outros atendimentos, outros nem tanto. Vou até a porta de entrada do salão, onde me coloco junto a outros tarefeiros, que também aguardam a abertura do salão e a chegada de Eliane. Neste dia, sou a primeira da minha equipe a entrar no local.

Ao entrar no salão, percebo diferenças no espaço físico. Como a Casa está passando por reformas, todos os quadros e fotografias foram trocados por fios elétricos à mostra e pedaços de parede sem pintura. Isso me causa uma sensação de estar faltando algum pedaço importante.

Enquanto preparo meus instrumentos musicais, afinando o violão e montando a flauta, noto uma aparente confusão sonora, promovida principalmente por conversas dos tarefeiros no salão. Dentro dessa polifonia, acrescida de passos e coisas se arrastando, ouço Beth, uma adolescente de treze anos, com necessidades especiais, que me chama animadamente pelo nome:

– Kelly, Kelly, Kelly!

Ouço ainda uma melodia vinda da antessala. Era Rebeka, uma tarefeira cantando. Os planos de intensidade entre os sons variam e em alguns momentos a voz da Rebeka, que canta *à capela*, sobressai, me levando a uma impressão de que as conversas entre tarefeiros e pacientes/visitantes/fiéis diminuem um pouco. Rebeka se coloca sentada, de olhos fechados. Ao cantar me deixa a sensação que aquela expressão sonora se aproxima de uma rogativa, de uma reza, com a canção: *A padroeira*³⁸. Em alguns momentos, como no refrão, a intensidade se torna mais evidente nesta interpretação de Rebeka. Esse canto não é exatamente direcionado ao salão, cujas conversas paralelas se adensam. Logo em seguida é colocado o CD número um do *Coral Luiz Alberto da Casa – Medicação de Amor*. Como a reprodução das músicas do CD são feitas nas caixas amplificadas, as

³⁸ Canção composta por Sérgio Saraceni e Ronaldo Monteiro de Souza, tema musical de uma telenovela de mesmo nome, difundida em 2001-2002, canção conhecida na voz da Cantora Joana.

canções ficam em evidência, em um primeiro plano de intensidade. A música *Alvorada* é tocada apresentando uma métrica ternária, simples, em velocidade acelerada, com duas vozes distintas, uma masculina e uma feminina. Sua narrativa nos fala das colônias espirituais³⁹. A segunda música a tocar nas caixas amplificadas é *Amparo Amigo*⁴⁰.

A Beth – que havia me chamado logo que cheguei – se anima ao ouvir tal canção, se levanta e se senta ao meu lado cantando junto ao CD as próximas músicas. Ela se agita, cantando forte e falando, fazendo com que o entendimento da letra da canção se torne mais confuso. No entanto, percebo que há uma diminuição nas conversas paralelas. Várias outras músicas são tocadas em seguida, respectivamente, como *Dr. Hélio*, *Conte sempre com Pedrinho* e *Deus*. A alegria de Beth ao ouvir tais músicas faz com que ela bata palmas, cante, dance e sorria ao mesmo tempo. Percebo que o salão se anima também, fazendo com que os visitantes/pacientes/fiéis cantem mais animadamente.

A música é interrompida por uma tarefeira. Michelle, abaixando o volume do aparelho de som, avisa a todos do salão:

– Meus amores, bom dia! A médium Eliane Gonçalves está se esforçando para chegar aqui. Os trabalhos têm sido muito intensos. No último fim de semana, no sábado, Dr. Fritz atendeu em Congonhas do Campo, o atendimento foi até a noite. Durante a semana a Casa também tem atividades muito intensas. Como vocês viram, a Casa está em obras, pra melhorar um pouquinho. Como teve a obra, a Casa precisava ser preparada para final de semana. Anteontem e ontem, ela (Eliane), fez a faxina da Casa com uma equipe ajudando, mas foi um trabalho muito pesado, que foi adicionado ao que ela já faz normalmente, que é muito intenso. E ela já tem um desgaste muito grande pela questão mediúnica, que é um desgaste natural da mediunidade de cura, e que exige muito dela. É uma situação muito difícil. Mas ela está se esforçando para chegar aqui. Enquanto isso, vamos ficar com o pensamento elevado a Deus, pedindo em favor de todos que estão aqui, e dela também. E que ela esteja bem.

Após esse aviso (por volta das cinco da manhã), percebo que a médium ainda não havia chegado. Na maior parte das vezes, Eliane chega antes da maioria dos tarefeiros. Olho para as pessoas sentadas no salão e aquele recado aparentemente não modifica seus semblantes. Michele aumenta o volume do aparelho de som que toca a música *Missionária da Luz*, em homenagem à médium.

O salão volta a cantar, assim como a Beth. A canção, quaternária simples, composta por Consolação, coordenadora da equipe de Harmonização, da qual faço parte,

³⁹ Colônia Espiritual é um termo que designa local onde as pessoas, depois de desencarnarem, aguardam novas encarnações, trabalham e estudam. São cidades espirituais. Tal colônia se chama Alvorada de Deus.

⁴⁰ Faixa número 02 do CD1 – Medicação de Amor. Música psicografada pela médium Eliane Gonçalves, trazida pelo espírito Irmã Yone.

fala das características morais da médium Eliane. Logo após, é tocada *Medicação de Amor*, *Jesus*, *Mensageiro* e *Irmã Eliane*.

Percebo alguma agitação vinda do lado de fora. Tarefeiros passam apressados à frente do salão. Avisam:

– Ela chegou!

Vários visitantes/fiéis/pacientes observam atentos ao que se passa. Tarefeiros vindos de outras equipes começam a chegar ali. Como o salão estava cheio, tarefeiros se encostam às paredes, formando em volta dos pacientes/fiéis/visitantes um círculo. O carro em que a médium veio pára, encostando próximo à porta. É o único carro autorizado a entrar na parte da frente da CAFOL. A médium chega ao salão, acompanhada de alguns tarefeiros da sala de tratamento. Ela caminha a passos pequenos com certa dificuldade, amparada por uma bengala. Atravessa o salão, cumprimentando os presentes com um sorriso tímido e um pequeno balançar de cabeça.

A música *Fritz* é tocada, fazendo o salão cantar. A canção gravada está em binário composto, porém quando é tocada no salão, muitas vezes acaba se transformando em ternário simples. Letícia, responsável pela equipe da sala de tratamento, conversa com Márcio e lhe entrega um papel com um recado da médium, para que seja lido ao microfone, pedindo desculpas pela aparência da casa, devido a reformas.

Volto com o volume do som e a música *Mestre Joel* está quase no fim. As músicas *Presente*, *Destino de Amor* e *Irmã Alcione* são reproduzidas. Após a última, o CD apresenta problemas, fazendo com que o salão fique sem música por alguns instantes. Michele e outra tarefeira tentam resolver o problema, voltando algumas faixas. A música *Mestre Joel* é colocada novamente, assim como *Fritz* e *Medicação de Amor*. No instante em que a música *Mãe Maria* chega ao refrão, o CD é retirado e somos todos convidados a nos darmos as mãos, para o momento de oração. Tarefeiros e os demais presentes declamam o *Pai Nosso* com vigor, dando ênfase nas tônicas de algumas palavras. Imediatamente após a oração, Michele volta à reprodução das músicas do CD, tocando novamente *Irmã Eliane* e *Mensageiro*.

Enquanto toca o *Pai Nosso*, um tarefeiro se aproxima e nos avisa que Dr. Fritz havia chegado⁴¹. A reprodução do CD é interrompida e a música ao vivo será iniciada.

A Consolação e outros tarefeiros se dirigem em direção à sala de tratamento, onde se encontram Dr. Fritz e toda a equipe. Novamente os tarefeiros se colocam no salão em

⁴¹ A afirmativa “Dr. Fritz chegou!” faz menção ao processo de incorporação da médium Eliane Gonçalves.

volta dos pacientes/fiéis/visitantes, formando um grande círculo. Uma voz que dá início a *Medicação de Amor*, dentro da sala de tratamento, faz com que logo em seguida todos, ali e no salão, cantem também, à capela. No momento em que se canta, é realizada a feitura da medicação pelo Dr. Fritz, trazendo fluidos terapêuticos à água de um recipiente na sala de tratamento. Dessa forma, se iniciam os trabalhos.

Márcio pega o microfone e diz:

– Bom dia a todos! Que possamos, junto ao convívio da espiritualidade amiga, cantar. Pede-nos três hinos, para que uma nova prece seja posteriormente realizada.

Consolação cumprimenta a todos no salão, e como em todos os trabalhos de que participei, informa que iniciaremos com o hino 29, *Mestre Joel*, dizendo:

– Mestre Joel é o ministro da nossa Casa!

Em seguida, tocamos *Oração de São Francisco e Fritz*. A prece é realizada por Dona Euzí, e logo após são dados os avisos referentes aos atendimentos e tratamento⁴².

Nestes avisos, havia recomendações sobre a restrição ao uso do álcool e carne vermelha após a cirurgia, sobre os atendimentos e medicação *Vida*. Enquanto os recados são dados, chega da sala de tratamento uma ordem de Dr. Fritz:

– Sessenta minutos de vibração (música).

Márcio pede ajuda a todos os presentes através do canto, estimulando-os ao citar uma frase do Dr. Fritz, escrita em um quadro, no salão:

“ – Quem canta ora duas vezes!”

Enquanto nos preparamos para iniciar o momento de vibração, Cristina acena em minha direção, avisando que havia chegado para me auxiliar na gravação do áudio. Entrego-lhe um celular com a função “gravação de áudio” ligada, peço que grave do seu celular também, caso algo aconteça, e aconselho a permanecer em um mesmo lugar, para não diferenciarem as amostras sonoras. Rapidamente volto para o local no salão da Equipe de Harmonização, que se encontrava preparada para começar. Consolação diz ao microfone, apontando para os pacientes/fiéis/visitantes:

– Este é o coral Jardim Florido do Dr. Fritz. São vocês, acompanhados por nós.

– O jardim florido de Dr. Fritz se refere às rosas, símbolos da ‘Olhos da Luz’.

E cantamos sem interrupção por sessenta minutos. Como de costume, interpretamos as canções do hinário. Fizemos respectivamente: *Canção do perdão, Amar como Jesus amou, Um certo Galileu, As Conchinhas, Dr. Bezerra de Menezes, Impossível,*

⁴² Dr. Fritz, ao me autorizar a gravação em áudio de um dia de tratamento, foi taxativo quanto a não gravar estes avisos.

Quero te dar a paz, Nossa Senhora, Maria de Nazaré, Irmã Sheilla, Zaqueu (Faz um Milagre em Mim) e Irmã Eliane. As músicas aconteciam em um tempo contínuo, sem espaços para ajustes, como afinação e trocas de instrumentos. Após sessenta minutos, Consolação agradece e anuncia nossa volta dali a instantes.

Márcio, ao microfone, avisa que chegara o momento do estudo do Capítulo XIV do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Após minha saída do salão por vinte minutos, fui chamada novamente, às pressas, pois Dr. Fritz daria a primeira medicação do dia. Enquanto Dona Zumira organiza a fila para a *Vida* dentro do salão, observo olhares curiosos em relação àquela movimentação, aparentemente confusa, enquanto noto que Consolação se preparava para voltar. Monto novamente minha flauta. De dentro da antessala, Dr. Fritz começa a distribuição da medicação. A música é iniciada e, quase sincronicamente, a medicação *Vida* também começa a ser distribuída.

Sinto uma sensação diferente. Uma eletricidade que me faz emocionar a cada frase tocada. Um misto de arrepios e lágrimas que me afeta, interrompendo o fluxo de pensamentos e ampliando a carga de sensações. Apesar de estar tocando canções com as quais estou acostumada, como *José Grosso, Luar do Sertão* (versão com letra modificada), *Fritz, Meimei e Oração de São Francisco*, emocio-me de uma maneira diferente.

Depois dessa experiência, opto por tocar violão, pois as lágrimas me fizeram perder o fôlego na flauta transversal. A medicação foi dada até o número 80. Dr. Fritz volta à sala de tratamento, onde recomeça a atender imediatamente. A indicação é para quem já passou pelo tratamento e recebeu a medicação ir embora, porém muitos preferem passar o dia ali e aguardar a benção final, dada pelo Dr. Fritz no salão.

São tocadas mais duas músicas: *Um Pouco de Perfume* e *A Barca*, e logo em seguida são dados alguns avisos. Muitos desses avisos se repetem, pois não param de chegar novos pacientes/fiéis/visitantes, sendo necessário instruí-los diante dessa dinâmica complexa dos atendimentos.

Márcio anuncia o segundo estudo do dia, sobre o livro *Sementes da Esperança*, de Ignácio de Antioquia, psicografado⁴³ por Wander Cardoso Campolina, na lição 76. A palestra tem uma duração de uma hora e dez minutos. Enquanto o estudo acontece, saio até o jardim para conversar reservadamente com Cristina, que narra uma experiência extrassensória que teve, enquanto Márcio falava sobre o *Evangelho Segundo o Espiritismo*.

⁴³ É a ação da escrita de um espírito a partir de um encarnado. “Nessa base, identificamos a psicografia, desde a estritamente mecânica até a intuitiva, a incorporação em graus diversos de consciência, as inspirações e premonições”. (XAVIER E VIEIRA, 1960, p. 118).

– Aconteceu algo que nunca havia acontecido comigo.

Ela relata.

Enquanto estava sentada, prestando atenção na palestra, ouviu de dentro da cabeça, uma melodia. Era com pouquíssima intensidade e ao fechar os olhos a música ficou mais em evidência. Tombou um pouco a cabeça na tentativa de direcionar o som e viu como fosse uma alucinação, um coral com muitas vozes, instrumentistas e um homem alto, calvo, com cabelos avermelhados, na extremidade esquerda daquele grupo. Era uma música bela e confortante ao coração, que contrastava com a música feita pela Equipe de Harmonização pela beleza, outros instrumentos musicais e quantidade de vozes divididas em harmonia. Para ela, essa imagem não durou muito. Porém continuou ouvindo a música por algum tempo⁴⁴.

Voltamos a tocar, e Consolação anuncia as músicas de número quatorze, quinze, quarenta e sete, e trinta e sete do hinário/apostila. *Quando Eu Quero Falar com Deus, Fim dos tempos, Tema da Vida, Amar é Possível.*

Quando anuncia *Palminha*, de número 36, diz:

– *Palminha* também é um dos mentores da casa. Companheiro de José Grosso.

Um palestrante é chamado. Dessa vez o livro a ser estudado é *Vinha de Luz*⁴⁵. Aproveito esses momentos em que há palestras no salão para ir ao banheiro, me alimentar e anotar em meu diário alguns acontecimentos e percepções. Volto ao salão. Acomodo-me em uma das cadeiras para visitantes/fiéis/pacientes e tento prestar atenção na palestra. Percebo que, apesar do assunto estar em concordância ao que vivenciamos ali dentro, há um trânsito de ações que acontecem paralelamente à palestra, dividindo a atenção das pessoas no salão. Vivencio um salão conturbado, em estado diferenciado ao que estamos acostumados, quando fazemos música.

A palestra termina e volto rapidamente para frente do salão, junto a Consolação e a Elizana⁴⁶. É anunciada *Pelos Prados e Campinas*, canção que não pertence ao hinário. Ao tocar, noto que não há tumultos ou conversas, ouvindo-se nas estrofes apenas a voz da cantora e de algumas pessoas que cantam de memória e, no refrão, um salão inteiro entoando:

“– Tu és Senhor, o meu pastor / Por isso nada em minha vida, faltará...”.

⁴⁴ Cristina esteve na Casa por duas vezes. A primeira vez em 2011 quando toquei com o Grupo Pilares e a segunda na ocasião aqui narrada.

⁴⁵ XAVIER, 1951.

⁴⁶ Elizana é uma das tarefeiras passistas. Porém, quando há rodízios para substituição de tarefeiros nesta sala, muitas vezes ela auxilia a equipe de Harmonização, tocando violão.

Consolação, talvez percebendo a força do texto daquela canção, naquele momento, começa *A Barca*. O salão inteiro canta, do início ao fim. Foram finalizados os atendimentos aos visitantes/pacientes/fiéis, e Márcio avisa:

– Estão passando os tarefeiros, depois o Dr. Fritz vai tratar todos seus cooperadores, que fazem parte da equipe médica dele lá dentro. Depois disto é que ele vem aqui para fora para nos atender. Lembrando que quando estivermos na fila, vocês vão colocar bolsas e envelope que estão com vocês, na mão direita, vão estar de frente pra Dr. Fritz. Abram a boca mantendo a língua dentro da boca. Assim ó [demonstrando]. Ele vai tirar a medicação, colocar na boca de vocês, vocês vão engolir a medicação. O envelope será retirado da mão de vocês, e sobre o envelope será colocado mais medicação. Depois desse procedimento vocês acompanhem a pessoa que está com a bandeja até lá [aponta para o fundo do salão], e vão para o refeitório. Aguardem até que o nome de vocês seja chamado, e lhe seja entregue a medicação. Normalmente é uma por dia, a partir de amanhã. Hoje vocês vão tomar. Se tiver outra recomendação será dado a vocês. O que nós pedimos após vocês receberem a medicação, quem tiver algum compromisso inadiável, pode ir embora. Quem quiser aguardar a benção final, que eu convido a todos a participarem, aguardem aqui fora, depois serão colocados aqui dentro do salão para participarem.

Após esse aviso, anuncio: *Segura na Mão de Deus*. E enquanto canto, vejo Dona Zumira em minha frente. Pega o microfone e aguarda o refrão terminar pela primeira vez e diz:

– Gente, agora chegou o momento de a gente preparar para receber o medicamento. Para ficar mais fácil vou pedir a vocês que saiam (do salão). E vão se colocando em fila. Hoje pela manhã nós fomos até o número 80. Então eu quero até o número 150 em fila ali e os outros vão se colocando em seguida. Então vocês vão se retirando do salão em silêncio, para fazer a fila em ordem numérica. Só ficam no salão pessoas que não têm condição de caminhar.

A partir desse recado, uma dinâmica confusa é iniciada. Muitas falas e um aparente tumulto se formam no salão. As pessoas se levantam, mas não sabendo exatamente onde a fila começa ou termina, acabam procurando informações, deixando o ambiente confuso. Talvez não percebendo que uma música conhecida pudesse talvez rearranjar o espaço ritual, Consolação começa a Cantar a música *Oração e Cura*, desconhecida até para mim.

Logo após é executada a canção número quarenta – *Hino ao Glacus*, e em seguida Márcio orienta:

– Somente para esclarecer a todos que neste momento Dr. Fritz está tratando dos tarefeiros que compõem a sua equipe médica lá dentro. Tão logo ele termine, vai sair e nos dar a medicação VIDA. Fiquem atentos aos avisos e instruções das pessoas que estão na fila, orientando vocês. Não vão embora sem levar a medicação para casa. Porque ela é única e é feita para vocês que estão aqui, não

poderá ser dada a outras pessoas. Quando Dr. Fritz olha vocês, ele faz a medicação ali, na hora.

O salão aguarda, ansiosamente, pela chegada do Dr. Fritz. Após muitas horas ali, o cansaço começa a deixar as pessoas um pouco mais impacientes e agitadas. Percebo que Dr. Fritz está prestes a chegar ao salão, pois alguns dos tarefeiros que o auxiliam entram apressadamente no ambiente. Dr. Fritz chega e, em uma dinâmica confusa aos olhos, são colocadas duas filas indianas paralelas em espiral, uma com a equipe da Bandeja e a outra com visitantes/pacientes/fiéis. Dr. Fritz atende um a um enquanto a Equipe de Harmonização também trabalha ininterruptamente. As músicas *Cantin de Amô*, *Irmã Sheilla* e *Força e Vitória* são cantadas, recebendo a ajuda dos tarefeiros que enquanto auxiliam na bandeja, cantam animadamente. A música *Salve Rainha (Ave Maria* de Gounod/Bach) recebe características próprias da Consolação, conferindo uma versão original a esta canção muito conhecida. Entoamos *Canção do Perdão*, *Graças*, *Gratidão a Deus e Espírito*.

Com as duas filas em movimento, uma forma de mandala é formada no ambiente através do posicionamento dos tarefeiros. Cria-se um espaço para Dr. Fritz caminhar pelo salão. No meio da canção ouvimos tarefeiros pedindo silêncio. Era momento de interromper a música para Dr. Fritz dar a benção.

Imediatamente a gravação de áudio para esta pesquisa é interrompida, pois não consegui a autorização para registrar esse momento. Após a fala de Dr. Fritz, que sugeria fé a todos ali presentes, o médico pediu que levantássemos as mãos, em direção ao céu. Enquanto fala, Dr. Fritz anda a passos rápidos, em direção anti-horária, entre os pacientes, rodeado de tarefeiros. Rezamos o *Pai Nosso*. Agradece aos tarefeiros e faz brincadeiras sobre o cansaço de cada um, sobre o amor e o prazer de estar ali, auxiliando. Despede-se e entra novamente para a sala de tratamento.

Márcio pega o microfone e pede para fazermos silêncio, pois toda a equipe de humanos espíritos ainda estava presente, trabalhando. Pede para que rezemos novamente o *Pai Nosso*. Após a oração, diz:

– E com a gratidão, a Deus, ao plano espiritual e nossa amiga Eliane, encerramos nossas atividades do plano físico, mas os trabalhos do plano espiritual continuam.

Um tarefeiro pega o microfone, e como em todas as vezes que estive presente, profere:

– Dr. Fritz e o plano espiritual agradecem os trabalhos realizados nessa casa no dia de hoje. Neste momento vamos aplaudir com muito entusiasmo os trabalhos realizados.

Com entusiasmo, todos nós batemos palmas. Sinto minha energia completamente renovada. Não há cansaço aparente neste momento. Apenas gratidão por participar de mais um trabalho naquela Casa.

Rapidamente, a maioria dos tarefeiros se dá as mãos ou se abraça, cantando forte e animadamente, no salão:

Uma mulher presente fala:

– Louvado seja nosso Senhor, Jesus Cristo!

E respondemos, quase que por um impulso vindo de outros ritos:

– Para sempre seja louvado.

E os trabalhos terminam, neste dia.

Nesse relato, trato de um dia de atendimentos na CAFOL. Pude, através de etnografia, entre cadernos de anotações, gravações em áudio e fotografias, descrever com maiores detalhes o fluxo dinâmico da performance que aconteceu principalmente no salão, nesse dia 26 de outubro. Entre cantos, estudos de obras kardecistas, objetos, tratamentos de saúde e cura, medicação, entre outros, a performance musical traz contornos de uma estética, deixando pistas para onde nossa atenção deve pousar.

Como proposto anteriormente, a partir dessa contextualização vemos que humanos encarnados, humanos espíritos e os não humanos (átomos, animais, livros, árvores, estátuas, micróbios) constroem e moldam a textura da performance. Os cantos são também contornos e linhas deste tecido construído. Apesar da escrita não dar conta de mostrar toda essa textura, que se forma e se estrutura dinamicamente (o tecido tem muito mais fios do que minha percepção é capaz de captar), procuro apreender, em uma chave de alteridade, através de noções nativas, seu poder de agenciamento e seus atores.

Entender esse fluxo requer luz em algumas questões. Para analisar determinadas práticas que ocorrem na Casa é necessário entender sobre a noção de corpo e pessoa. Essa noção é a mesma do Kardecismo, que traz luz a explicações como a experiência do transe e mediunidade. E é também a partir dessa noção que busco compreender a relação entre os mundos visíveis e invisíveis. Grande parte dessa noção vem de uma literatura específica adotada na Casa – As obras de Allan Kardec e autores influenciados por ele – as quais através de grupos de estudos, estudos no salão e palestras permitem compartilhar conceitos e definições que explicam uma realidade conexas.

Ainda que pensados, do ponto de vista do discurso de seus atores, como antimaterialidade, suavidade, luz (poderíamos usar a categoria “apolínea”, em oposição a “dionisiaca”, proposta por Beudet (2017, p. 132), onde os traços materiais/cerimoniais mobilizados são bastante salientes). As roupas são brancas. Mencionamos a presença de mentores da casa, os primeiros cantos evocando sua presença. Há uma iconografia em torno desses mentores: quadros no salão, estátuas em tamanho real no jardim. Um aspecto particular aqui é a presença da médium Eliane em meio ao panteão. Ela é uma tarefeira, um instrumento, para a obra de Fritz, como os outros tarefeiros encarnados, mas ocupa mesmo assim um lugar mais alto, uma sacerdotisa que intermedeia dois planos dimensionais.

Para refletir o porquê de algumas dessas práticas, procuro apreender na cultura CAFOL pistas em texto (literatura), e também em símbolos (oralidade e produções visuais). Desse modo, esboço a seguir uma breve análise iconográfica da Casa, noção de pessoa e corpo CAFOL, e uma breve análise sobre a obra de Allan Kardec.

2.2 Iconografias – Eterizando objetos

Os diversos elementos gráficos que encontramos em muitas culturas, assim como a escrita, podem nos mostrar muito sobre seus grupos. Como nos aponta Fausto e Severi (2016), há uma tendência de oposição entre a tradição oral e escrita:

Na antropologia, como em outras disciplinas, costuma-se opor o oral ao escrito, uma oposição que, em geral, implica duas ideias subjacentes. Primeiro a de que é possível definir uma tradição a partir dos meios de expressão que ela mobiliza – a língua escrita se opondo, assim, à palavra enunciada. Já a segunda, menos recorrente, concerne à escrita e a sua história – trata-se da ideia que uma vez surgida a escrita alfabética, sua utilidade é de imediato reconhecida, em todos os lugares e circunstâncias, de tal modo que a oralidade e outras técnicas para fixar-se a memória social rapidamente desaparecem. (FAUSTO e SEVERI, 2016, p. 08).

Segundo os autores, apesar dessas ideias serem recorrentes em vários campos de conhecimento, valorizar o signo linguístico em oposição a outros signos pode conduzir-nos a erros, pois ao observar as vias de transmissão de conhecimentos compartilhados coletivamente através de corpos e memórias, podemos identificar uma articulação específica entre linguagem, sons e imagens. Esse inter cruzamento em muitos casos acontece pela memória social e lugar, associado ao rito e à enunciação. Daí a importância do estudo voltado ao texto, ao som, ao gesto e à imagem. Nesse campo da semântica das

representações, a iconografia na CAFOL apresenta um repertório gráfico rico entre quadros, fotos, ilustrações, formas geométricas e esculturas.

No jardim e no salão da CAFOL, esculturas em ferro, entre um metro e setenta e dois metros de altura, de Jesus e alguns mentores como Irmã Scheilla, Mestre Joel, Bezerra de Menezes, ou ainda Francisco de Assis e Eliane integram o ambiente. Numa das laterais do salão, sentado sob um círculo, em referência ao formato do planeta Terra, o mentor infantil Pedrinho. Na frente do salão ultrapassando os dois metros, Dr. Fritz.



Figura 9: Algumas das esculturas vistas nos jardins da CAFOL, representando mentores e outras entidades importantes para a Doutrina Espírita. A primeira imagem, representando a médium Eliane, a segunda Mestre Joel e a terceira Jesus Cristo (Fotos nossas).



Figura 10: Mais esculturas dos jardins da CAFOL. A primeira imagem representando Dr. Bezerra de Menezes, a segunda São Francisco de Assis e a terceira Irmã Sheilla.



Figura 11: Esculturas no interior do Salão da CAFOL: à esquerda, Pedrinho (sentado). À direita uma escultura do Dr. Fritz. (Fotos nossas).

Há nestas imagens um reflexo representacional da cosmologia CAFOL: Jesus e os mentores estando ali em matéria, contrapondo o que são – seres de luz. Os encarnados daquele local podem assim enxergar tais personagens que participam do outro plano na performance da Casa, ao mesmo tempo em que há um lugar privilegiado ao lado dos seres de luz para a tarefa Eliane. Além das esculturas, há figuras geométricas apresentadas na forma de cruz, duas fontes em formato de uma estrela de seis pontas no jardim; um triângulo de madeira e uma instalação no teto do salão, mais uma vez em formato de uma estrela de seis pontas.



Figura 12: Cruz e esculturas e objetos em formas geométricas da CAFOL. (Fotos nossas).

Em quatro agrupamentos de fotos emolduradas, há imagens híbridas de Dr. Fritz no corpo da médium Eliane, atendendo em cirurgias, na maioria delas com a realização de cortes físicos nos pacientes.

nt

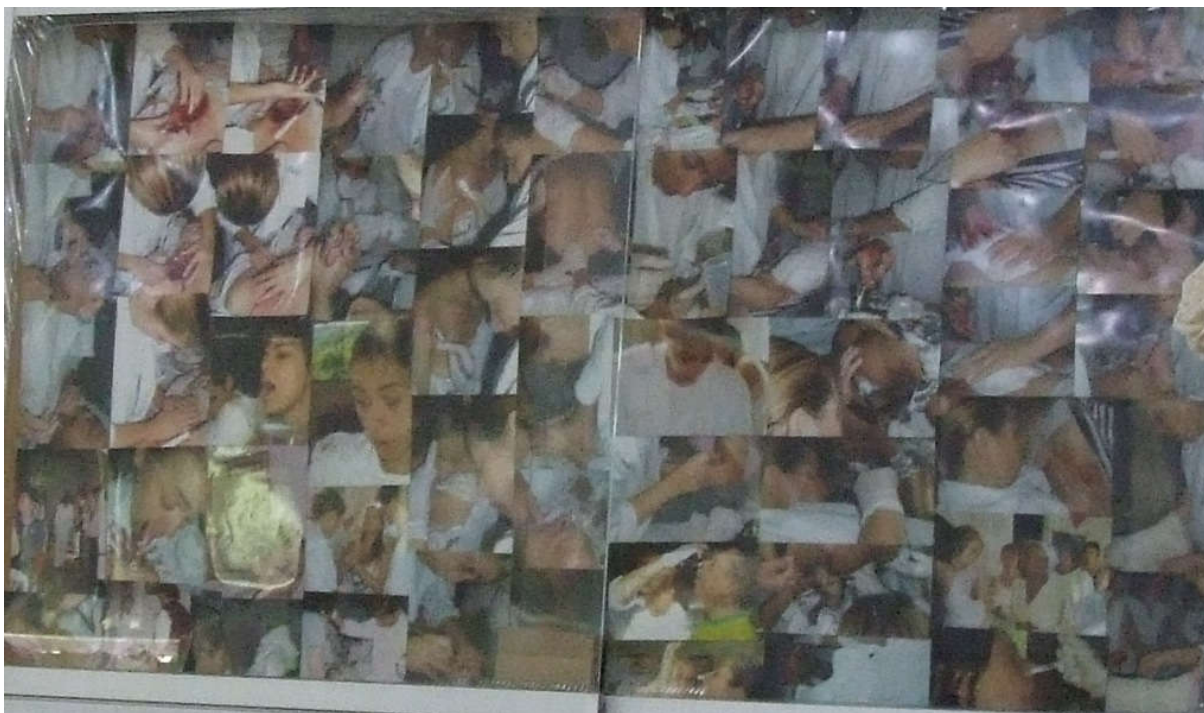


Figura 13: Fotografias da médium Eliane Gonçalves realizando tratamentos com a incorporação do Dr. Fritz. (Foto do mural nossa).

Nos muitos desenhos e quadros, que compõem diversos ambientes como salão, antessala, sala de tratamento, corredor, sala de refeitório e sala de evangelização, há uma recorrência dos motivos apresentados. Jesus, mentores, espíritos conhecidos de outros ambientes, figuras geométricas e desenhos de rosas. Há uma hierarquia na disposição das imagens, demonstrada por dois planos de altura, dependurados na parede. No topo, a imagem de Jesus aparece, e logo abaixo, à direita, em um segundo plano, os outros quadros. A importância que o grupo dá a essa composição em representações iconográficas, principalmente no salão, ultrapassa uma questão estética, podendo ser demonstrada pela duplicação das imagens do salão de Sabará, em uma gráfica, para comporem o salão de Congonhas.

Tais imagens podem agenciar identidades que ultrapassam um sentido mítico, agindo assim em sua representação como uma lente, tornando visíveis as redes de relações entre planos dimensionais. Como nos aponta Descola (2010: 23) pode haver “uma intensificação da eficácia da imagem por meio da mobilização das suas partes invisíveis”. De forma algo conexas, a imagem na CAFOL representa o ator social, uma corporificação. Identificar um mentor pela representação é “chamar” para perto de si. No entanto, é necessário um conhecimento prévio nativo para a efetivação do sentido (NOBRE, 2016, p. 158). Além das imagens a produção de cantos também ajuda na fabricação e manutenção

de sentidos. Logo que cheguei a Casa, nem todas as imagens eram reconhecidas por mim. Aos poucos, fui tomando parte dos agentes sociais, muito pelas narrativas dos cantos. Na CAFOL há uma dinâmica onde são apresentadas canções para os visitantes/pacientes/fiéis ao mesmo tempo em que são apontados os quadros de cada sujeito lembrado pelas letras. Essa dinâmica forma assim uma memória social/identitária.

2.3 Noção de Pessoa e corpo na CAFOL

Corpo e pessoa são categorias associadas, construídas socialmente. As diversas culturas e sociedades representam o ser humano a partir de diferentes prismas, vinculados às noções de corpo e pessoa, sobre as quais as teorias nativas acerca de saúde, doença, vestimenta, alimentação ou cura trazem indícios.

Para a antropologia a noção de pessoa é histórica e cultural. Mauss (2003 [1938] *apud* CUPERTINO, 2017, p. 18), tomando como exemplo a cultura ocidental, aponta que o valor moral se desenvolve ao longo da história, “passando pelas etapas da *persona* latina, da pessoa cristã, do eu filosófico e da personalidade psicológica.” A pessoa é ao mesmo tempo cultural porque nem todas as culturas a concebem da mesma maneira. A noção de pessoa é assim uma construção, ela é um símbolo, uma convenção.

Além de ser histórica e cultural o autor postula que a noção de pessoa apresenta três aspectos distintos – categoria, conceito e sentimento. Categoria seria o pertencimento a um grupo, o conjunto de deveres e direitos ligados a esse pertencimento. O conceito seria, basicamente, a forma pela qual somos percebidos pelos outros, nos diferentes espaços ocupados: como a família nos vê, como o círculo social *x* ou *y* nos veem. O sentimento, por fim, seria a forma pela qual cada indivíduo vê a si próprio. Como exemplo, observando a CAFOL nestes termos, poderíamos identificar como “categoria” os diferentes papéis ocupados – pacientes, tarefeiros, visitantes, etc. Visitantes irão, provavelmente, me associar a um “conceito” de integrante da casa, enquanto colegas de lá podem me associar também a uma pesquisadora externa. Por fim, minha própria percepção ou “sentimento” pode não coincidir exatamente com o “conceito”.

A noção de pessoa na CAFOL parte do Kardecismo. Para a práxis kardecista, a pessoa é o ponto de união de toda sua diacronia, onde mundos paralelos se conectam. A existência e intercâmbio entre o mundo físico e o espiritual têm como pano de fundo a lei de evolução e progresso, além da lei do carma.

A revelação é que todo ser é espiritual e imortal, sua temporalidade é infinita, o percurso não se encerra em uma encarnação nem em um fim escatológico delimitado, como nos modelos do céu e inferno; e que existem mundos visíveis e invisíveis - de cá (grosseiro) e de lá (etéreo, sutil), tendo o espírito sua verdadeira casa no mundo de lá. Por momentos (vida terrestre, por exemplo) o espírito se torna humano (reencarna) se revestindo de um corpo material, e habitando o mundo de cá, que de algumas maneiras se relaciona também com o mundo de lá. Seja para progredir ou para pagar dívidas (carma), a relação entre o visível e invisível não acaba com a reencarnação. Se idealmente o mundo de lá, superior, dispensa o mundo de cá, na prática o mundo de lá e de cá se relacionam. Esta comunicação espiritual se dá pela mediunidade, através do corpo, se tornando ele ferramenta comunicativa.

No Kardecismo, a pessoa vai assim, muito além do dado puramente físico, ainda que este seja também importante. Viveiros de Castro (*et. al.*), a partir de vários autores, (Victor Turner, Mary Douglas e C. Lévi-Strauss), reflete sobre o papel do corpo nas significações sociais ameríndias que, de um ponto de vista conceitual, pode servir para pensar também contextos como o nosso:

[...] a corporalidade não é vista como experiência infrassociológica, o corpo não é tido por simples suporte de identidades e papéis sociais, mas sim como instrumento, atividade, que articula significações sociais e cosmológicas; o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento. (VIVEIROS DE CASTRO *et. al.*; 1979, p. 07).

A noção de corpo no Kardecismo é um conjunto de três elementos: corpo biológico, perispírito e alma. O corpo biológico, físico, seria o oposto da alma, essência, luz, eletricidade, centelha divina. Tecendo uma ponte entre os dois, o perispírito seria um envelope que copia o corpo, mas a partir de um plano menos denso. No plano espiritual, desencarnado, o perispírito dá forma/fisionomia à alma. Para Cavalcanti:

[no kardecismo] O Espírito, eterno, é o foco da vontade, do pensamento, onde se localiza a responsabilidade individual e o sentimento de culpabilidade. O perispírito, instrumento indispensável de ação do Espírito, é também, em sua parte mais espiritual, imperecível. O corpo e a parte mais grosseira do perispírito são perecíveis, e instrumentos necessários e indispensáveis em apenas determinadas fases da vida do Espírito. A pessoa surge como um composto cujos elementos se organizam internamente de maneira hierárquica, indo do mais espiritual = eterno ao mais material = mortal. (CAVALCANTI, 2008, p. 30).

Esse eixo diacrônico se movimenta com a perda do corpo biológico através da morte, possibilitando ao espírito (e perispírito) ir ao mundo de lá. Assim quando o corpo

biológico reveste o perispírito novamente para a reencarnação, o mundo de cá é acessado, até o espírito encarnado evoluir e perder sua materialidade. Quanto mais denso o padrão vibratório⁴⁷, mais esse estado se aproxima do corpo biológico, e quanto mais sutil mais próximo ao espírito, existindo uma gradação infinita entre eles.

Para compreendermos mais a noção de corpo na CAFOL, veiculado aos conceitos antagônicos de saúde e doença, reflito sobre tratamento e cura na CAFOL.

2.3.1 Saúde/doença

Como bem lembra Cupertino 2017, o pensamento médico hegemônico à nossa volta (e não apenas ele) tende a pensar a noção de pessoa principalmente como um corpo biológico.

[...] o corpo vinculado à ideia de indivíduo é conceituado como um suporte ou um dispositivo de capacidades pessoais e (o corpo) deve ser socializado para adquiri-las. O organismo seria visto e discutido, assim, como ser “biológico autônomo” (LAGROU, 2009, p. 39), cujo desenvolvimento é determinado geneticamente [...]. (CUPERTINO, 2017, p. 20).

O ponto de vista hegemônico, com a definição de saúde como “ausência de doença” proposta por Boorse (1977), e seu oposto dialético, seriam, até a poucas décadas, uma definição válida para a Ordem Mundial de Saúde (OMS), identificando e valorizando apenas o corpo biológico. Atualmente, apesar de esta mesma Organização definir saúde como “situação de perfeito bem-estar físico, mental e social”, ainda não há uma necessária reflexão do que seria essa condição.

A concepção de saúde e doença passa pela noção de corpo e de pessoa no espiritismo. É necessário, porém, a partir dessa noção, discutir algumas particularidades relativas às suas categorias.

Corpo biológico, perispírito e alma têm incidência uns sobre os outros em relação à saúde e adoecimento. Uma deficiência física, por exemplo, pode vir como carma

⁴⁷ “O que se denomina padrão vibratório é o tipo de vibração de uma pessoa ou espírito: baixo, inferior, elevado, etc. E sintonia designa, na Física, a condição de um circuito cuja frequência de vibração é igual à de outro. Posto isto, sintonia significa identidade ou harmonia vibratória — ou seja, no campo espiritual, o grau de semelhança das emissões ou radiações mentais de dois ou mais espíritos, encarnados ou desencarnados. Estão em sintonia pessoas e espíritos que têm pensamentos, sentimentos e ideais idênticos. Por outras palavras, a sintonia vibratória é uma expressão física de uma realidade mais profunda, que é a afinidade moral. Se o perispírito emite certo tipo de onda e esta se caracteriza por uma vibração específica, ele é sensível ao estado moral do espírito e é tanto mais apurado quanto mais este é elevado”. (RIZZINI, 1996, p. 261).

contraído a partir do mau comportamento em vidas passadas. A mesma deficiência pode, ao mesmo tempo, ser uma via de aprendizado moral, uma tomada de consciência a partir das dificuldades a ela ligadas. Uma reencarnação em um corpo doente pode acelerar a evolução de um espírito, reajustando sua vibração, podendo elevar sua moralidade. Uma doença do corpo biológico pode muitas vezes estar ligada a um padrão vibratório inferior, que seria a porta de entrada, dando vazão a um estado patológico. Mesmo que a cura ocorra no corpo biológico, se não houver uma “cura moral”, a doença se reincidirá. Cavalcanti postula que:

O perispírito, juntamente com outro elemento, o fluido universal, são os mediadores nas passagens e comunicações entre os dois mundos. O fluido universal é definido como sendo "matéria elementar primitiva" que existe em dois estados básicos: a) de eterização ou imponderabilidade, estado que predomina no Mundo Invisível e caracteriza os fenômenos espirituais e b) de materialização e ponderabilidade, que predomina no Mundo Visível e caracteriza os fenômenos materiais. (CAVALCANTI, 2008, p. 29).

O corpo perispiritual é composto de duas partes: uma mais materializada que com a desencarnação é eliminada, e uma mais etérea que se conserva com o espírito. Se encarnado é através dele que o espírito age sobre o corpo, e desencarnado age diretamente no fluido universal.

As enfermidades tratadas na CAFOL são assim pensadas tanto por seu aspecto biomédico hegemônico (guardando, entretanto, uma lógica cármica), quanto por sua parte de fundo espiritual. O processo de cura pode vir tanto das palestras, embasadas na literatura espírita, promovendo uma mudança no comportamento moral, quanto dos procedimentos estruturados sobre as técnicas mediúnicas praticadas em Sabará e Congonhas na Olhos da Luz: diagnóstico intuído, cirurgia com (no corpo biológico) e sem corte (perispírito), medicação feita de água energizada, passe magnético, energia musical, oração, vibração. O tratamento lá em questão ocorre na maioria das vezes no perispírito, podendo ocorrer em raros momentos cortes no corpo biológico.

Na CAFOL, além de alguns mentores da casa, que em vidas passadas tiveram um conhecimento sobre a saúde e o corpo humano como Dr. Bezerra de Menezes (médico) e Irmã Sheilla (enfermeira), Dr. Fritz, que em uma de suas encarnações foi médico e trabalhou na Primeira Guerra Mundial, auxilia no tratamento realizando a feitura do medicamento *Vida*, os diagnósticos e cirurgias com e sem cortes.

Há uma dinâmica no funcionamento da Casa no final de semana, quanto aos atendimentos. Uma ordem é obedecida para que cada paciente/fiel/visitante consiga chegar

até a sala de tratamento onde são realizadas as cirurgias junto ao Dr. Fritz. No salão, participando de cânticos e louvores, orações e palestras, logo em seguida recebendo passes (cantados), para, a partir dos passes, garantir o direito de entrar na sala de tratamento. Após a cirurgia espiritual, o paciente/fiel/visitante ainda recebe água fluidificada, e mesmo que não queira aguardar o momento da distribuição da medicação *Vida*, deverá aguardar vinte minutos no salão antes de ir embora.

Para o kardecismo, assim como passes e orações a música pode ter a capacidade de afetar. Léon Denis em seu livro *Espiritismo na Arte* (1922) postula que as ondas musicais são absorvidas pelo perispírito. É uma experiência que invade toda a parte mais etérea do corpo, um experimento que:

[...] invade todo o nosso ser fluídico, lança-o no êxtase, na beatitude, faz com que ele sinta sensações de alegria, de quietude, de angústia, de desgosto, de dor, de pena, de remorsos. Tal é, mais ou menos, a gama de todas as sensações ascendentes e descendentes, que vão do rosa ao preto; o preto representando o nada. (DENIS, 1922, p. 65).

A música pode expandir o corpo perispiritual, através de uma experiência consciente, possibilitando uma maior eficácia ao tratamento espiritual. Segundo o Dr. Fritz, a música tem a função de afetar o paciente, de trazer-lhe sentimento (comunicação pessoal em 17 de fevereiro de 2018). Quando há uma escuta consciente, o sentimento é acionado, permitindo assim o amolecimento de uma “armadura”. Denis ainda reflete e compara os sons a cores e a sentimentos: “Dessa forma pode-se, com as cores fundamentais, formar uma gama de tonalidades que dão por correspondência vibrações de todos os sentimentos humanos e sobre-humanos.” (DENIS, 1922, p. 100).

É assim, a partir dessa dinâmica, que a equipe espiritual terá uma abertura neste corpo que se permitiu ouvir, e ser tocado pela vibração, dando permissão para o tratamento. Segundo Dr. Fritz, a música, assim como a prece, conecta cada ser com a dimensão espiritual, permitindo tratamento. E mesmo para aqueles que não conseguem ouvir através dos tímpanos, o benefício da ação musical pode chegar através de outros sentidos, para aqueles que estão conscientes da escuta (comunicação pessoal em 17 de fevereiro 2018).

Na CAFOL, justamente, a mediunidade é uma ferramenta para caridade, através da cura. Muitos chegam ali depois de não encontrarem solução em tratamentos de saúde hegemônicos, o que acentua a expectativa. Fica claro o caráter de trabalho, devotamento, doação de si: o volume de pessoas atendidas é grande, o ritmo do Dr. Fritz acelerado –

apenas alguns segundos para cada cirurgia. A jornada começa cedo, antes do horário cotidiano de acordar da maioria das pessoas ali. Em pano de fundo, há a construção de um campo vibratório de “luz”, paz, fornecendo justamente energia para o empreendimento pesado, o ritmo acelerado, a tensão da expectativa.

A “música” operaria aqui, em grande medida, na direção do campo vibratório e da forma. Ela dá forma ao que, sem música, caminha para uma sucessão de atendimentos individuais, separados. Ela direciona a intencionalidade e a interação entre as pessoas. O trabalho acontece ao som de música durante uma parte expressiva da jornada. No início da jornada, Dr. Fritz chega ao som do CD do Coral da CAFOL, colocado para harmonizar o ambiente. É ao som de *Medicação de Amor* que a água é transformada em medicação. O passe é cantado.

Buscando ainda outros elementos para entender o lugar da música dentro da CAFOL, proponho a seguir uma análise das categorias musicais encontradas na obra de Allan Kardec, autor cuja influência ali é intensa.

2.4 Música na literatura da CAFOL

Nas palestras, grupos de estudos destinados ao público em geral e internamente entre os tarefeiros, há uma recorrência da literatura utilizada na CAFOL, através da codificação espírita, elaborada por Kardec e médiuns psicógrafos como Francisco Cândido Xavier e Divaldo Franco, entre outros. A própria médium da casa, Eliane, durante uma conversa informal em 2017, me aconselhou, entre outras coisas, a estudar as obras de Kardec, nas quais encontraria respostas para muitos dos meus questionamentos. Tal estudo visa uma referência outra dos fenômenos sonoros musicais. Apesar de muitas outras fontes possíveis, trataremos apenas de Allan Kardec, devido ao curto espaço de tempo desta pesquisa.

Através do auxílio de espíritos, Allan Kardec escreve um conjunto de cinco livros, denominados de *Pentateuco Espírita*, contendo a codificação kardecista. Além destas escreveu *O que é espiritismo* e um conjunto de 126 números do periódico *Revue Spirite – Journal d’Études Psychologiques*, entre os anos de 1858-1869, e, após sua morte, *Obras Póstumas*, com uma reunião de materiais inéditos. Conforme Cavalcanti (2008), para o espiritismo tal codificação surge inaugurando no mundo uma nova era, assim como a era cristã e a judaica, tendo como seu codificador Allan Kardec, que organiza o conteúdo dessa codificação, promovido por espíritos moralmente superiores. Fazem parte dessas obras:

[...] o *Livro dos Espíritos*, que aparece pela primeira vez em 1857, e contém "o núcleo e arcabouço geral da doutrina"; o *Livro dos Médiuns*, continuação do primeiro e que "pesquisa o processo das relações mediúnicas, estabelecendo as leis e condições do intercâmbio espiritual"; o *Evangelho segundo o Espiritismo*, que explicita o conteúdo moral da doutrina; *O Céu e o Inferno*, que discute "as penas e gozos terrenos e futuros"; *A Gênese, os Milagres e as Predições*, que "trata dos problemas genésicos e da evolução física da terra". (CAVALCANTI, 2008, p. 16).

No conjunto desta obra a comunicação com os espíritos, através da evidência dos sentidos e da metodologia científica, se qualifica, como provado por Kardec, se autodenominando ciência, filosofia e religião. Preparada em um tempo histórico onde o pensamento científico e filosófico era marcado pelo evolucionismo, racionalismo e positivismo, são nítidas as oposições entre o mágico/metafísico e conhecimento racional.

Para identificar partes que aventavam sobre a música, realizei uma busca dentro de toda a obra⁴⁸. Vale lembrar que a definição de música postulada por Allan Kardec em sua obra vai ao encontro com preceitos eurocentrais de sua época. Foram encontradas informações que tratam do fenômeno sonoro musical ilustrando elementos que explicam tais contextualizações. Através da mediunidade, trazem relatos de espíritos que foram músicos quando encarnados, transcrições musicais através de partituras materializadas e psicografadas, definições e comparações entre música de planos dimensionais distintos, além de reflexões sobre música espírita e seu futuro. Poderíamos levantar outras divisões ligadas ao universo musical-sonoro, o que deixamos para um momento futuro. Ainda que não exaustiva, esperamos que essa primeira leitura forneça uma aproximação de um discurso musicológico nas obras codificadas por Allan Kardec.

Entre os vários tipos de mediunidade – mediunidades mecânicas, semimecânicas, semi-intuitivas e intuitivas (KARDEC, 1861, p. 197 e 1858a, p. 103 e 147) –, com uma vasta gama de variação e intercâmbio entre elas, podemos encontrara mediunidade musical (KARDEC, 1859, p. 129 e 1890, p. 57). Tal mediunidade pode aparecer pela capacidade de tocar, cantar ou compor (*idem*, 1859a, p. 91 e 157), de provocar fenômenos musicais sem o toque em instrumentos materializados (*idem*, 1858a, p. 190 e 1861, p. 194) ou mesmo sem a presença deles (*idem*, 1858a, p. 252 e 286). Tal fenômeno não necessita de uma habilidade musical prévia do médium (KARDEC, 1868, p. 267), podendo vir do espírito ou não; ou por aquisição em vidas passadas do médium (KARDEC, 1861, p. 232 e 1890, p. 81), o espírito pode controlá-lo de forma mecânica, ou apenas intuí-lo (*idem*, 1859a, p. 242).

⁴⁸ *O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo, Céu e Inferno, O Livro dos Médiuns, O que é o Espiritismo, A gênese e Obras Póstumas*; além dos 126 números da *Revue Spirite*.

Destas manifestações musicais alguns músicos conhecidos historicamente, ora desencarnados, são mencionados por Kardec em seus livros, tais como Chopin, Mozart, Boïeldieu, Bellini, Rossini, mas também os que não se identificaram, trazem novos conceitos, informações e comparações sobre a música terrestre e a celeste.

Relatam fenômenos como uma aparição, através de materialização, de uma canção em grafia musical, em partitura e letra (KARDEC, 1865a, p. 263 e 1866, p. 76) ou pela psicografia (KARDEC, 1859a: 186). Do mesmo modo refletem como aspectos morais do músico podem interferir em suas produções (KARDEC, 1890, p. 217 e 1890, p. 395). Os espíritos trazem uma nova categoria, definindo e refletindo o que chamou de música celeste (*idem*, 1857, p. 161; 1865, p. 199; 1860, p. 195; 1868a, p. 466 e 1890, p. 211) e sua comparação com a terrestre. Segundo os espíritos, a música daqui é infinitamente inferior a de outros planos dimensionais. A escuta aqui é distorcida⁴⁹, promovida por um órgão (ouvido) materializado, em contraste com a escuta feita pelo perispírito, através do corpo inteiro. É também possível que se ouça, mesmo em um corpo encarnado, músicas de um plano invisível:

Esse fenômeno consistia numa música invisível, que se fazia ouvir no meio ambiente do quarto, e acompanhava o meu violino, no qual tomava lições naquela época. Não era uma sucessão de sons, como os que eu produzia no meu instrumento, mas acordes perfeitos, cuja harmonia era comovente; dir-se-ia uma harpa tocada com delicadeza e sentimento. (KARDEC, 1868, p. 466).

Os espíritos ao serem indagados sobre a definição de música (KARDEC, 1861) e alguns dos seus elementos como “melodia” (KARDEC, 1858a, p. 220) e “harmonia” (KARDEC, 1869, p. 127) revelam que a música, como uma vertente da arte, está ligada a sensação. Que entre as artes, é a que mais se aproxima do sentimento, onde há uma parte traduzida por uma vibração no corpo e outra por onde é transportada para sua parte do sentimento, emoção.

Assim, a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos. A música vulgar faz vibrar os nervos, nada mais. Eu bem gostaria de indicar algumas personalidades, mas não tenho esse direito: não estou mais na Terra. Amai o Réquiem de Mozart, que o matou. (KARDEC, 1861, p. 240).

⁴⁹ O que pode ser ilustrado no relato da manifestação de uma encarnada em uma reunião mediúnica, em estado de vigília no sono, através do desdobramento (KARDEC, 1863, p. 41). Esta faz uma analogia do som ouvido de um pêndulo. Observa que o som é muito mais nítido ao ser percebido sem o corpo físico.

A melodia é definida como uma lembrança de mundos superiores, onde a natureza produz sons que se tornam melodias. Há uma qualidade moral em evidência, onde a virtude está atrelada a uma elevação da alma.

Para ti muitas vezes é uma lembrança da vida passada; teu Espírito recorda aquilo que entreviu num mundo melhor. No planeta em que habito – Júpiter – há melodia em toda parte: no murmúrio da água, no crepitar das folhas, no canto do vento; as flores sussurram e cantam; tudo torna os sons melódiosos. Sê bom; conquista esse planeta por tuas virtudes; bem escolheste, cantando a Deus: a música religiosa auxilia a elevação da alma. Como gostaria de vos poder inspirar o desejo de ver esse mundo onde somos tão felizes! Todos somos caridosos; tudo ali é belo e a Natureza é tão admirável! Tudo nos inspira o desejo de estar com Deus. (espírito de Mozart, em KARDEC, 1958a, p. 220).

Já a harmonia:

A harmonia é difícil de definir-se; muitas vezes, confundem-na com a música, com os sons, como resultante de um arranjo de notas e das vibrações dos instrumentos que reproduzem esse arranjo. Mas, não é isso a harmonia, do mesmo modo que a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e não a própria chama: não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa. O mesmo se dá com a harmonia; ela resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à causa. Esta é brutal e tangível; o efeito é sutil e intangível. (KARDEC, 1890, p. 220)

Para explicar o que eles chamam de harmonia, prefere utilizar uma metáfora para demonstrar que existem dois fenômenos – uma ação material que resulta em uma reação etérea.

Na CAFOL, a mediunidade musical também pode ser observada, como nas músicas psicografadas, trazidas por mentores, através da Eliane, assim como intuições em diversos tarefeiros, que apesar de não serem “músicos”, recebem diversas canções. Há também uma percepção vinda da equipe de Harmonização, que através de uma eletricidade percebe uma presença, sem que a visão seja acionada. No próximo capítulo proponho uma reflexão sobre “músicas”, onde através de etnografias diversas, inclusive da CAFOL poderemos descrever e analisar a performance sob a ótica de um ethos musical.

CAPÍTULO 3 – APONTAMENTOS A PARTIR DO SONORO

3.1 O porquê da música aqui e a pergunta repetida

É domingo, dia treze de novembro de 2016. A dinâmica dos trabalhos acontece mais veloz do que de costume. Hoje, desde que cheguei aqui tenho feito a mesma pergunta a vários tarefeiros da casa. Qual a função da música que acontece aqui? Minha colega de equipe, Consolação, enquanto aguardávamos para voltar ao salão, me relata um caso muito especial para ela. Conta que em um dia de tratamento Dr. Fritz disse que utilizou a música como recurso anestésico em um paciente. Pergunto se a música serve ali sempre como anestesia, mas ela não sabe me dizer. Alguns outros tarefeiros também relatam casos e a importância da música para eles naquele ambiente. Não há uma recorrência em suas falas, mas interligações que sugerem um acesso a outras realidades. Uma chave que abre outros portais.

André, me diz que já é hora de nós, tarefeiros, passarmos pelo tratamento. Sento-me em uma das cinco cadeiras na lateral do salão, destinadas ao aguardo do passe. Em minha frente uma lousa verde com a frase de Dr. Fritz tão conhecida pelos frequentadores:

“– Quem canta ora duas vezes.”

Sou encaminhada até a sala onde, para minha surpresa, Dr. Fritz se encontrava.

Vejo duas pessoas sentadas, de olhos fechados, alguns tarefeiros da equipe deste local encostados a parede, Dr. Fritz, e parte dos tarefeiros da sala de tratamento. Não há cantos nem movimentação de assistas. Sento-me já um pouco confusa com a nova configuração do ambiente. Dr. Fritz, de pé, com gestos firmes – quase impositivos e voz rouca, para em minha direção e começa a falar:

– A filha quer saber. Vou te explicar o porquê da melodia no tratamento de cura. Olha para o meu jaleco emprestado, com emblema de fisioterapia no braço esquerdo e o nome do curso bordado no bolso.

Comparando a música à fisioterapia, Dr. Fritz postula que quando há uma lesão em uma determinada região no corpo, o local fica geralmente enrijecido. Para tratamento poderá ser utilizado compressas de água quente, para que o local fique amolecido. A melodia atuaria assim, como compressa quente, que pode amolecer a materialidade do corpo, permitindo que a espiritualidade trabalhe.

– A música nos desmaterializa!

Dizendo isto, coloca o dedo em minha barriga e aperta, dizendo que o tratamento serve para amolecer o coração, auxiliando assim no tratamento.

Congonhas, 17 de Fevereiro de 2018. Após passar pelo passe, sou encaminhada para a sala de tratamento. Entro. Percebo movimentações bem menos ágeis do que de costume. Muitos tarefeiros trabalhando, mas uma aparente calma e uma delicadeza no tom de voz e nas palavras. Um tarefeiro me direciona até uma maca, enquanto pergunta se sinto algo. Digo que estou bem, mas que gostaria de fazer uma pergunta ao Dr. Fritz. Após minha argumentação, sou colocada sentada na maca, onde, assim, poderei aguardar pelo atendimento. Não se passa muito tempo e Dr. Fritz chega. Com sua voz firme e seu sotaque, me pergunta:

– Como a filha tem passado?

Respondo que bem e que gostaria de perguntar algo. De maneira precisa, ao mesmo tempo em que se direciona a minha nuca com seu instrumento cirúrgico, responde que sim, poderei perguntar, mas que eu fosse breve.

– Doutor, há benefício da música aqui no atendimento, dentro da sala de tratamento? E se sim, como acontece?

Neste momento, Dr. Fritz, em um tom enérgico, diz que não iria responder a essa pergunta, me orientando a pensar melhor em minhas indagações, pois já havia respondido a essa pergunta. Como de fato, não formulara a questão de maneira clara, acabando por chegar a um mesmo questionamento, respondido por ele no ano de 2016.

De maneira pontual, diz que há interferência da música tanto aqui, na sala de tratamento, quanto onde quer que se possa ouvir, pois não há paredes, nem barreiras para tais fenômenos. Dr. Fritz, então, se movimenta para o lado esquerdo, preparando-se para um próximo atendimento.

A líder da equipe de tratamento, ao mesmo tempo em que me pergunta se eu havia entendido me auxilia a descer da maca e a sair da sala. Eu um pouco assustada, ainda não me dou conta que fizera a pergunta errada ao Dr. Fritz. Saio da sala, e antes mesmo de tomar a água fluidificada, a porta se abre e Letícia me avisa que Dr. Fritz quer falar comigo novamente.

Sou colocada de pé diante do Dr. Fritz. Sempre noto a pouca estatura da médium e minha sensação diante do espírito do Doutor. Sua narrativa começa, e noto em minha volta que a grande maioria da equipe de tarefeiros daquela sala se coloca em volta para também

ouvir. Segundo o espírito Dr. Fritz, a música tem a função de afetar, de trazer-lhe sentimento. Quando há uma escuta consciente, esse sentir pode ser atingido, possibilitando penetrar em campos sutis de cada ser. Se o visitante/paciente/fiel se permite sentir a música, pode ser tocado por sua vibração, dando acesso ao seu corpo sutil. Quando, ao contrário, não se permite sentir, pode estar como em uma armadura, diante do tratamento na Casa.

– É preciso que o sentimento seja atingido! Diz Dr. Fritz.

Dr. Fritz falou, ainda, que a música, assim como a prece, conecta cada ser com a dimensão espiritual, permitindo diversos procedimentos em prol da saúde. E esse fenômeno não é exclusivo dali, assim como na ação de uma prece. Do mesmo modo, Dr. Fritz, ao fazer um paralelo com a luz, postula que a luz é como a voz. Tudo atravessa. Nada a detém. A luz consegue tocar na pele, no olfato. Deus harmoniza através das flores, do vento, do sorriso. A luz alcança dimensões espirituais. Esta casa alcança a dimensão espiritual. Não tem fronteira. Não existe fronteira para a luz, para Jesus Cristo.

Do mesmo modo, mesmo para aqueles que não conseguem ouvir através dos tímpanos, o benefício da ação musical pode chegar através dos outros sentidos, como pelo tato, ou chegar pelos poros. No entanto, aqueles que apesar de se encontrarem no ambiente não estiverem conscientes em busca de uma eterização da ação musical, não poderão sentir seus efeitos.

Nestes dois relatos ouvimos elementos sobre uma noção de música e seu agenciamento na CAFOL. Ele se estrutura com a colocação do CD do coral até a chegada de Dr. Fritz. Após a música *Medicação de Amor*, os atendimentos são iniciados. A música ao vivo também se inicia no salão, com uma sequência de canções que fazem referência aos mentores da Casa. Logo após os avisos dados no salão, Dr. Fritz na maioria das vezes pede uma hora de música ininterrupta. No salão passa-se a alternar entre palestras e músicas, orientações e pedidos pelo dirigente do salão. A música está presente na distribuição da medicação *Vida*, tanto na antessala quanto no salão. No final dos trabalhos a canção *Se Caminharmos Juntos* finaliza a performance, assumindo uma função fenomenal de quebra de um tempo ritual para um tempo cotidiano novamente.

Através da música tanto os pacientes/fiéis/visitantes quanto os próprios tarefeiros podem experimentar realidades moldadas, ligadas aos aspectos da experiência de cada um e do fazer musical.

Para melhor aprofundamento proponho uma descrição geral do tempo-espaço da performance musical buscando uma análise do som, procurando relacionar com os contextos da performance geral. A narrativa de Dr. Fritz, assim como as ações musicais em fluxo, podem nos levar a maiores e melhores reflexões da coletividade CAFOL, assim como um maior aprofundamento dos sons e sua relação com seus interlocutores e o cosmos.

Mesmo entendendo que a palavra “música” pode não ter uma mesma definição em diversos grupos no mundo, por aproximação conceitual e principalmente pelo seu uso no grupo CAFOL, empregarei o termo ao conjunto de cantos com ou sem a utilização de instrumentos, vindos da performance da Casa.

A natureza do repertório dessa parte do estudo tem origem em dois lugares distintos: Hinário e trabalhos do coral. O hinário reúne um repertório de oitenta e oito canções de diversas religiões e horizontes referenciais do catolicismo, protestantismo, espiritismo, músicas da MPB, além de composições trazidas do repertório do coral. As letras trazem temas como natureza, Deus, Jesus, Maria, mentores e conduta moral. As músicas como *Faz um milagre em mim*⁵⁰, do neopentecostalismo, *Noites Traíçoeiras*, composição de um padre do catolicismo, ou ainda *Luar do Sertão*, que recebe uma letra diferenciada, ainda que o título seja mantido, ilustram a diversidade dos hinos interpretados neste grupo. Tanto o repertório do Hinário quanto o do coral passam pelo crivo de Eliane e Dr. Fritz, sendo os únicos responsáveis por acréscimo de canções, ou até mesmo pequenas mudanças.

Com um panorama já descrito no relato do Capítulo 1, proponho agora uma apresentação de elementos isolados, separados, por assim dizer, em “movimentos”, destacados do desenrolar das atividades de um dia de atendimentos. Serão colocados em alguns momentos da performance “holofotes” – enlevo e atenção – onde as atividades musicais poderão ser analisadas com maiores detalhes. No primeiro movimento, a reprodução dos CDs da Casa no salão; no segundo descrevo e analiso a canção *Medicação de Amor*; no terceiro busco refletir sobre as canções aos mentores e os sessenta minutos de vibração; no quarto descrevo o fazer musical no passe e, por último, no quinto movimento analiso a última atividade musical na performance com a canção *Caminharmos Juntos*.

⁵⁰ Composição de Regis Danese (2008).

3.2 Primeiro Movimento – A reprodução dos CDs no salão

Ainda nas horas iniciais do dia, especificamente entre quatro e cinco horas da manhã, assim que o salão é aberto, uma das primeiras ações é a colocação das canções contidas nos CDs do Coral Luiz Alberto. O áudio é amplificado no salão por duas caixas acústicas, aguardando a chegada do Dr. Fritz. Esse momento varia em extensão temporal, podendo ou durar poucos minutos ou até algumas horas⁵¹.

Apesar de sua audiência ser recebida sem grande entusiasmo, na maioria das vezes, tanto pelos pacientes/fiéis/visitantes quanto pelos tarefeiros, muitos dos interlocutores visíveis reagem cantando (não foi possível identificar os invisíveis). Não há letra destas canções nos hinários, e o canto deve ser realizado de memória. Enquanto pacientes/fiéis/visitantes aguardam sentados na presença desse som, alguns tarefeiros passam realizando seus trabalhos, enquanto outros conversam. Não há um reproduzidor de CDs neste ambiente, por isso são utilizados aparelhos de Ipod ou pen-drives na mesa de som. Por essa razão a ordem das músicas não obedece à dos CDs. Como dissemos antes, o coral *Luiz Alberto* tem dois trabalhos gravados: o primeiro, de nome do igual ao próprio coral, traz dezessete faixas; e o segundo – intitulado *Medicação de Amor*, em CD duplo, traz no primeiro CD dezessete faixas e no segundo dezesseis. Ambos com canções inéditas em quase todas as faixas (exceção das canções *Fritz*, *Deus* que se repetem), onde melodia e letra são recebidas do plano espiritual por tarefeiros e, principalmente, por Eliane, através do espírito Pedrinho. As letras falam sobre elementos da tradição oral CAFOL. Segundo tarefeiros da Casa, o objetivo da gravação desses trabalhos é levar medicação através da música, e angariar recursos financeiros para a fraternidade.

Os pacientes/fiéis/visitantes e tarefeiros compõem uma audiência, ouvindo e às vezes cantando junto ao som mecânico. A atenção é um pouco difusa, a audiência menos concentrada nas canções em relação aos momentos de música tocada ao vivo. No primeiro trabalho – *Luiz Alberto* – é possível identificar temas verbais como: colônias⁵² espirituais – *Alvorada Nova* e *Nosso Lar* (faixas 01 e 07); mentores – *Fritz*, *Dr. Hélio*, *Pedrinho*, *Joel* e *Alcione* (faixas 02, 03, 04, 10, 12, 14, 16, 18, 19 e 20); a médium da casa – Eliane (faixas

⁵¹ Em Congonhas, por exemplo, em 2017 a reprodução durou mais de oito horas, enquanto a médium saía de um hospital convencional, onde era atendida, e se locomovia até a Casa.

⁵² São cidades espirituais localizadas em outro plano dimensional. A cidade Morada Nova está situada entre as regiões de São Paulo, citado no livro *Morada Nova* - Glaser (1992) e *Nosso Lar* nas regiões do Rio de Janeiro – Xavier / André Luiz (1944[1991]).

06 e 11); medicação – *Vida* (faixa 08); desencarnação (faixa 13); Deus (faixa 05); Jesus (faixa 09 e 17); e conduta moral – fraternidade (faixa 15).

O coro se divide em duas vozes femininas (sopranos e contraltos) e uma masculina. É um trabalho eminentemente vocal, com poucas inferências instrumentais, que acontecem em apenas algumas das faixas. Na faixa 12, podemos notar a presença do violão e marimba; na faixa 16 violão, violino e viola de arco; e nas faixas 19 e 20, flauta transversal e violão. Quase todas as canções apresentam três vozes, com texturas ora polifônicas, ora homofônicas. Na faixa 20 não há divisão de vozes, que aparecem dissolvidas na melodia, resultando em uma monofonia. Suas canções⁵³ trazem bases tonais, com harmonia funcional.



Figura 14: Capa e contracapa do primeiro trabalho fonográfico da CAFOL, intitulado – Coral Olhos da Luz, Irmão Luiz Alberto.

Já o segundo trabalho – *Medicação de Amor* – apresenta arranjos instrumentais e coro homofônico em praticamente todas as faixas⁵⁴. Há alguns solos femininos e masculinos nas partes vocais, e são utilizados instrumentos como saxofone, gaita, acordeom, cuíca, piano, bandolim, flauta doce, violoncelo, guitarra portuguesa, derbak, gungas, caixa clara, flugelhorn, viola caipira, trompete e órgão, além do violão, flauta transversal, violino, viola de arco e marimba, que são encontrados também no primeiro trabalho.

⁵³ Com exceção da faixa 08 – *Medicação de Amor*.

⁵⁴ As faixas 01 dos CDs *Medicação de Amor 1 e 2* trazem uma mensagem falada.

As letras das canções tratam tanto de temas já percebidos no primeiro trabalho, quanto de assuntos novos. Ouvimos, assim, canções sobre mentores da Casa – Fritz, Irmã Yone, Pedrinho, Meimei, Joana de Angelis (faixas CD1: 05, 09, 11, 15, 17 e CD2 02, 05, 08, 16); mentor de outras Casas – Zé Pelintra (faixas CD1: 06 e CD2: 15); a médium da casa, Eliane (faixas CD1: 04 e 16; e CD2: 04 e 09); outros médiuns – Zé Arigó e Divaldo Franco (faixas CD1: 15 e CD2: 14); mediunidade (faixa CD2: 03); Maria (faixa CD1: 13); Jesus (faixas CD1: 02 e CD2: 06 e 13); Deus (faixa CD1: 03); Tarefeiros – perspectiva de servir (faixa CD1: 07); a maestrina do coral – Camila (faixa CD2: 11); ensinamentos morais, utilização do evangelho, oralidade e mensagens nele contidas (faixa CD2: 07; 10 e 12); culto no lar (faixa CD1: 08); Sabará – localização (faixa CD1: 12); CAFOL (CD1 14); e luz – em analogia com estrela (CD1: 10).

Há repetições de canções entre o primeiro e o segundo trabalho. *O Socorrista*, canção dedicada ao espírito Zé Pelintra, aparece sob duas versões (CD1: 06 e CD2: 15), a primeira com arranjos para violão, cuíca, percussão e vozes em textura homofônica, onde em alguns motivos há separação entre vozes masculinas e femininas; a segunda começando com solo de gungas, seguido do violão em duo com primeiro instrumento. Uma voz feminina duplicada faz os primeiros motivos, seguidos do coro em vozes homofônicas.

A canção *Fritz*, de João Cabete, aparece três vezes nos dois álbuns. No primeiro trabalho – *Luiz Alberto* – na faixa 14 as três vozes se entrecruzam, o naipe das sopranos fazendo a melodia principal, contraltos e vozes masculinas desenhando um acompanhamento harmônico, em textura homofônica. Já no CD1 de *Medicação de Amor*, na faixa 09, a peça surge com acompanhamento de piano e efeitos de água. Num primeiro momento, a estrofe é solada por uma criança, a melodia passando em seguida para o coro em textura homofônica. Na faixa 08 do CD2, a música *Fritz* aparece com arranjos de efeitos de passarinhos, flauta transversal e violão. Em um primeiro momento o texto aparece narrado enquanto há uma melodia intermediária realizada pela flauta. No refrão, o coro canta a melodia principal em texturas monofônicas, enquanto que a flauta se contrapõe ao canto principal. A importância dessa canção pode ser atribuída à homenagem ao médico atuante da Casa, e sua recorrência demonstra isso.

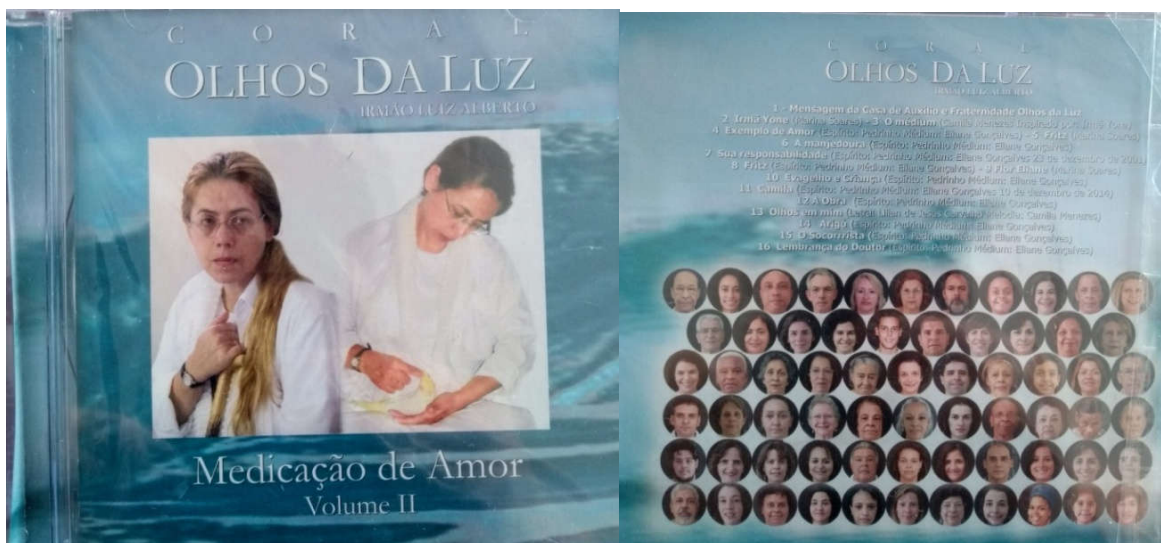


Figura 15: Capa e contracapa do segundo trabalho fonográfico da CAFOL, intitulado – Medicação de Amor.

A lógica musical dos trabalhos do coral nos remete a um ambiente sonoro diverso, de calma, meditação, introspecção e paz, mas também de força, alegria e determinação. A proposta vinda da maestrina do plano espiritual, Irmã Yone, era do primeiro CD soar como um trabalho de coro, e o segundo com solos, coral e uma instrumentação, e arranjos definidos pela maestrina do plano terrestre Camila. Atualmente, o coral está em processo de gravação no qual mais de cem canções dará corpo e voz ao terceiro trabalho. No salão, a reação de escuta e canto, a partir desse som reproduzido, recebido do plano espiritual, pode permitir acesso e pertença a esferas dimensionais ali presentes.

Em relação à música do hinário no salão, os arranjos do coral são mais elaborados e fogem a um contexto de improviso e simplicidade harmônica. A variedade de instrumentos no segundo trabalho não tira da obra, com timbres acústicos, sua forma terna. Dentro do repertório do coral, as canções *Medicação de Amor* e *Caminharmos Juntos* (trataremos da segunda no “quinto movimento” desse Capítulo), ocupam um lugar especial na performance geral. Quando *Medicação de Amor* acontece no salão, com performance ao vivo ou reprodução do CD, é possível identificar dois momentos distintos, mesmo que com elementos sonoros muito parecidos e mesmo texto geral. O texto verbal traz uma rogativa na feitura da medicação *Vida*, realizada pelo Dr. Fritz em nome de Jesus.

Lágrimas que caem por suas mãos, Doutor,
É Jesus abençoando a todo seu amor
A sublime medicação abençoada para todos nós
Pede a Deus para os doentes e oprimidos, proteção...

É a *Vida* amparando a todos os irmãos
Por suas mãos, Doutor,
Em nome de Jesus.

O arranjo na gravação do coral contém duas vozes, vozes masculinas intercalando a melodia principal com as vozes femininas. Tal arranjo não é, porém, utilizado pelo coral quando canta ao vivo, motivo pelo qual não sinalizarei na grafia musical a seguir. Com exceção a isso, a partitura mostra a melodia como acontece na gravação. Na performance ao vivo é possível identificar algumas diferenças das quais trataremos no “segundo movimento”.

Lá - gri - mas que caem por su - as mãos dou - tor É Je -

sus a - ben - ço - an - doa to - do seu a - mor a su -

bli - me me - di - ca - ção a - ben - ço - a - da pa - ra to - dos nós pe - dea

Deus pa - ra os do - en - tes eo - pri - mi - dos pro - te - ção

É a vi - da am - pa - ran - doa to - dos os ir - mãos

por su - as mãos dou - tor em no - me de Je - sus

por su - as mãos dou - tor em no - me de Je - sus

Tal canção apresenta uma sucessão de motivos, com uma flutuação do centro tonal, que é constantemente renovado, em modulação sem preparação em quartas ascendentes: Fá maior na primeira linha, Si bemol na segunda, Mi bemol na terceira e finalmente Lá bemol da quarta em diante. Trazida pelo espírito Pedrinho, pela audiência/psicografia de Eliane, sua forma se apresenta como uma fantasia, motivos e eixos tonais se desenvolvendo sem uma preocupação de retorno a modelos iniciais. É ternária simples, em estilo de valsa, porém as marcações rítmicas no canto dão ênfases em algumas tônicas, modelando um segundo fluxo rítmico independente:



Enquanto é reproduzida no salão, os pacientes/visitantes/fiéis e tarefeiros podem receber (passivamente ou não) doses de paz, medicação, calma, assim como alcançar um pertencimento. Tais músicas somente serão interrompidas quando Dr. Fritz chega a Casa. Na sequência, somos todos avisados da sua chegada e ficamos de prontidão. A movimentação na sala de tratamento neste momento acontece em prol da feitura da medicação. É o momento da transformação. Partimos agora para o segundo movimento, onde analisaremos a performance do momento em que Dr. Fritz faz a medicação *Vida*.

3.3 Segundo Movimento – A canção/hino *Medicação de Amor*

Para análise desse momento, tomaremos a performance do salão em atendimento no dia vinte e seis de outubro de 2017, quando fui autorizada a registrar em áudio⁵⁵. Tal informação é pertinente devido a incontáveis variações que presenciei neste rito. Tais vivências me demonstraram que os interlocutores promovem variações incalculáveis, principalmente musicais, assim como no fluxo em geral.

Dr. Fritz chegara há poucos minutos, e os tarefeiros de outros setores, já posicionados nas laterais do salão, formam um círculo em volta dos

⁵⁵ Áudio disponível em:< <https://drive.google.com/open?id=1838QaLWvJT2JHJZ3xCxMrBPZvJuPeg65>>.

pacientes/fiéis/visitantes. Alguns desses tarefeiros se dirigem até a entrada da antessala que dá acesso à sala de tratamento na qual Dr. Fritz está impondo seus corpos e mãos em envio de energias e bênção. Equipe terrestre e equipe espiritual se juntam para a passagem da água para a *Vida*. Há um silêncio carregado de prontidão no qual um fio de melodia vinda de outro ambiente avisará que é hora de fazer parte da metamorfose da medicação.

Na peça acontecem seis motivos. Apesar de não ter sido captado em nossa gravação seu início, o primeiro deles, introduzido pela palavra “lágrimas”, surge de dentro da sala de tratamento como um solo. O solo dá um efeito de pianíssimo, que ganha em seguida força com outras vozes que vêm adensar a textura. O diapasão soa uma terça menor acima do CD.

Há uma junção de alturas entre as melodias que acontecem paralelas. A frase “que caem por suas mãos, Doutor” é cantada por um pequeno grupo na sala de tratamento, e o salão acompanha com pequenos atrasos na melodia, formando uma polifonia densa, um eco que em momentos muito específicos apresenta uma textura homofônica, mas a frase acaba soando num todo polifônico:

Láaa-gri-mas-que-caem-por-su-as-mãos-dou-to-o-o-o-o-o-o-or (sala de tratamento)
 que-caem-por-su-as-mãos-dou-to-o-o-o-o-o-o-or (salão)

Sala de tratamento

Salão

Lá - gri - mas que caem por su - as mãos Dou - tor

que caem por su - as mãos Dou - tor

Neste motivo há uma força tonal direcionando para Fá menor, porém na próxima frase essa intenção é deslocada para o próximo tom – Ré Bemol Maior. Não há instrumentos musicais, e nós da equipe de harmonia ajudamos com nossas vozes e intenção. Ao final, ouvimos a sala de tratamento e o salão se sincronizarem ritmicamente, dando lugar a um adensamento na intensidade.

Sala de tratamento

Salão

É - Je - sus a - ben - ço - an - doa to - do seu a - mor

É - Je - sus a - ben - ço - an - doa to - do seu a - mor

No terceiro motivo o tom é deslocado novamente para Sol bemol maior, finalizando em Dó bemol maior. Há a junção das duas vozes (sala de tratamento e salão) formando apenas uma melodia:

A su - bli - me me - di - ca - ção a - ben - ço - a - da pa - ra to dos nós

No quarto motivo, os dois grupos voltam a um sensível descolamento no plano métrico. Os dois planos ora se entrecruzam, ora se fundem. Uma mudança rítmica em comparação com a gravação do CD faz com que ocorram pequenos fluxos polifônicos. A intensidade é forte, e já não conseguimos ouvir a sala de tratamento. A tonalidade mais uma vez muda, e vai para Fá bemol maior (utilizo na partitura armadura em Mi por faltar recursos gráficos no programa de edição de partitura). A sala de tratamento, com muitos coralistas, obedece ao padrão ternário.

Sala de tratamento

pe - dea Deus pa - raos do - en - tes eo - pri - mi - dos pro - te - cção

Já o salão canta recortando o ritmo em dois pulsos:

pe - dea Deus pa - raos do - en - tes eo - pri - mi - dos pro - te - cção

No quinto e sexto motivos há uma força na entonação dos interlocutores, que cantam dando ênfase em algumas tônicas. O centro tonal permanece o mesmo:

É a vi - da am - pa - ran - doa to - dos os ir - mãos
 por su - as mãos dou - tor em no me de Je - sus
 por su - as mãos dou - tor em no me de Je - sus

Enquanto a música é realizada, com centenas de vozes cantando à capela, cada um se encontra envolto pelo som, onde as vozes se fundem umas nas outras, com pequenos destaques individuais, que vão se dissolvendo e encontrando uma única melodia. Todos são responsáveis pela energia mobilizada neste momento. O ambiente sonoro geral se assemelha a um grande coral. A partir desta canção os atendimentos são imediatamente iniciados, os tarefeiros retomam seus lugares. Dá-se início ao trabalho da equipe de Harmonização.

3.4 Terceiro Movimento – Os mentores e os sessenta minutos de vibração

Nesta seção evidencio o início do fluxo musical com o grupo de Harmonização, quando cantos acompanhados de instrumentos musicais serão agregados à performance geral. Nesta parte do rito os mentores serão apresentados (chamados) e após uma sinalização do espírito de Dr. Fritz, são obedecidos sessenta minutos de “vibração” ininterrupta (música).

Após o dirigente dar as boas-vindas aos pacientes/fiéis/visitantes, anuncia a realização de três canções/hinos para dar início a uma oração espontânea feita por um tarefeiro a ser escolhido no salão. Os participantes são convidados a cantar e a concentrar suas atenções e energia também nas canções e ações realizadas na frente do salão. Há uma recorrência na primeira das três canções/hinos: a *Canção ao Mestre Joel*.

Mestre Joel muito amado
 Trabalhador de Jesus
 Estamos dispostos ao seu lado
 A conquistar muita luz

Irradiando-a a todos
 Que nesta casa conduz
 Casa de Amor e bondade

Aos olhos de Jesus

Fraternidade Espírita Olhos da Luz
Fraternidade Espírita Olhos da Luz

Há um lugar de destaque dado a este mentor, anunciado por Consolação, chefe da equipe de Harmonização, ou pelo dirigente do salão, Márcio, como “Ministro da nossa Casa”, além de estar presente em esculturas, quadros e letra da canção que lhe é dedicada: *Que nesta Casa conduz*. Encontramos ali também uma definição inédita da CAFOL – “Fraternidade espírita Olhos da Luz”. Ouve-se a afirmação de que todos os presentes no salão formam um coral chamado “Jardim Florido de Dr. Fritz”. Essa ideia ressignifica o lugar dos pacientes/fiéis/visitante. Consolação nos informa da presença ali de uma equipe musical espiritual, fazendo parte daqueles cantos.

Quando inicia o hino/canção *Mestre Joel*, seus interlocutores visíveis e invisíveis, pertencentes ao coral do “Jardim Florido de Dr. Fritz”, cantam e tocam disponibilizando seus corpos e energia como promotores de luz. Tal música, na maioria das vezes, acontece no tom de Lá menor. Sua forma binária simples aparece em AABB, com repetição de toda a canção. O canto monódico dá ênfase na melodia que aparece em dois planos de intensidade, o primeiro acontecendo com a voz da Consolação, amplificada por um microfone, e o segundo com as demais vozes cantantes. A estrutura harmônica e rítmica ternária simples é promovida por violão/violões e/ou cavaquinho, sem uma ênfase por não estarem amplificados. A flauta se insere em pequenas melodias improvisadas a partir do centro tonal, ao lado do canto.

Após os três hinos/canções, a oração e alguns avisos referentes ao funcionamento da Casa, geralmente após o pedido de Dr. Fritz para a realização de sessenta minutos ininterruptos de vibração, há uma sessão onde são apresentados mentores da Casa através dos cantos. Tais canções trazem pistas sobre suas qualidades morais, funções e características da Casa. Mentores como Frei Fabiano, Meimei, Mestre Joel, Dr. Hélio, Irmã Yone, Dr. Fritz, Dr. Bezerra de Menezes, Irmã Sheilla, Eurípedes Barsanuf, Pedrinho, Irmão Tobias, Irmão Glacus, José Grosso, Palminha, Joseph Gleber e Joana de Ângelis podem ser incorporados através desses cantos. Deus, Jesus e Maria pertencem a uma hierarquia moral superior à de mentores, não fazendo parte dessa seleção.

A não interpretação de tais hinos/canções neste momento da performance pode acarretar em um trabalho não eficaz. Poucos meses depois de me tornar tarefeira, num dia em que Consolação esteve ausente, fui advertida pelo Dr. Fritz ao interpretar canções que

não faziam menção aos mentores. Enquanto tocava apareceu uma tarefeira em minha frente com um recado do Dr. Fritz pedindo que tocasse músicas de mentores. Na época conhecia apenas algumas, e tive de repetir meu curto repertório da época pelo menos três vezes nesta performance. Nem todas as canções/hinos de mentores são interpretadas na performance geral de um dia de atendimento, mas um número razoável delas pode garantir a sua eficácia.

Após essa sessão dos mentores, outros hinos/canções diversos, como hinos religiosos e canções estilo MPB serão reapropriados e agenciados como repertório CAFOL. *A Barca, Segura na mão de Deus* e *Faz um Milagre em mim*, por exemplo, ganham novas interpretações, se distanciando de algumas versões de outras coletividades. O hino/canção *Segura na Mão de Deus*, típica da religião católica, na CAFOL sofre modificações com uma velocidade acelerada, além de mudanças no padrão rítmico no refrão, com a supressão de uma pausa de dois tempos que transforma a métrica quaternária em binária em um dos compassos, como mostramos abaixo. Primeira, conforme o original:

Se - gu - ra na mão de Deus Se - gu -
ra na mão de Deus Pois e - la, e - la te sus - ten - ta - rá

Segundo, na CAFOL:

Pois e - la, e - la te sus - ten - ta - rá

A realização desse momento do canto com os dois pulsos de pausa antes da frase “ela te sustentará” é considerada erro na execução. Sua propriedade estética, sua forma, foi incorporada a essa diferença que no contexto ritual confere sentido ao grupo. Assim como tocar errado, certas ações dos músicos podem não ser admissíveis, ou vistas com

bons olhos como interromper o fluxo musical entre um hino/canção e outro para conferir a afinação, ou realizar qualquer outra ação que não seja performar musicalmente.

Assim que os sessenta minutos musicais forem finalizados, serão iniciadas outras atividades como palestras, orações e outros momentos musicais curtos, entre três a dez hinos/canções. Enquanto tais atividades acontecem no salão, a sala de passes realiza ações musicais, onde o canto desempenha um poder de destaque.

Partimos agora para um momento fora do salão, estruturado sobre elementos como a imposição de mãos, consciência, espíritos e cantos, que procuramos descrever a seguir.

3.5 Quarto Movimento – O passe

O passe é uma ação consciente de direcionamento de fluídos em prol de equilíbrio e reequilíbrio, que através das mãos transmite energias para o corpo biológico e para o corpo perispiritual de quem o recebe. Essa operação é pensada a partir da noção de pessoa e corpo no espiritismo. Ou, de outro modo, é uma transmissão fluídica entre os mundos de cá e de lá. De acordo com Cavalcanti (2008, p. 93) pode haver três categorias de passes: o passe espiritual – onde não há a presença de encarnado na transmissão, apenas a do espírito; o magnético – onde não há a presença do espírito para a emissão, apenas a do encarnado para a doação dos seus próprios fluidos; e o magnetismo misto – onde o encarnado doa e também é a ponte para os fluídos que os espíritos emitem. Nos passes o objetivo é a terapêutica do corpo orgânico e perispiritual. Sua relação é estabelecida a partir do doador (espírito), transmissor e doador (encarnado passista), receptor direto (encarnado) e receptor indireto (desencarnado moralmente inferior, em contato com receptor direto). Sua potência depende dos três primeiros elementos. A prece dá garantia da presença do doador espiritual, porém sua transmissão depende da atitude (preparo) e conduta moral do passista, assim como preparo ritual. Do mesmo modo a capacidade de absorção do receptor direto está ligada a sua conduta e atitude de vontade. Os passes na CAFOL, magnéticos mistos, trazem uma particularidade: os cantos.

Quando o paciente/visitante/fiel entra na sala de passe na CAFOL pode se surpreender pela presença de cantos ao vivo promovidos pelos passistas e receptores diretos, que aguardam para entrada na sala de tratamento. Os cantos acontecem à capela, em uníssono, num fluxo contínuo de um hino/canção ao outro. Tal repertório é sincrônico à performance ao vivo no salão, quando esta última acontece.

Na sala de passe há ao todo nove acentos com funções distintas. O receptor entra pela porta Y e é direcionado até assentos que, na figura abaixo, estão numeradas entre 1 e 4. Um passista se direciona a sua frente, e com gestos firmes e direcionados em partes do corpo do receptor, sem toque, promove duas séries de movimentos, que oscilam entre retirada – com movimentos que puxam (fluidos densos, pouco benéficos) – e envio, com movimentos que assentam (fluidos benéficos, do passista e de espíritos superiores). Enquanto recebe o passe, o receptor pode cantar ou apenas se concentrar. Logo após o indivíduo é direcionado aos assentos entre 5 e 7, para, posteriormente, se acomodar nas cadeiras 8 ou 9, para finalmente entrar na sala de tratamento pela porta X. Os passes são individuais e geralmente os visitantes/pacientes/fiéis são chamados à medida que entram na sala de tratamento.

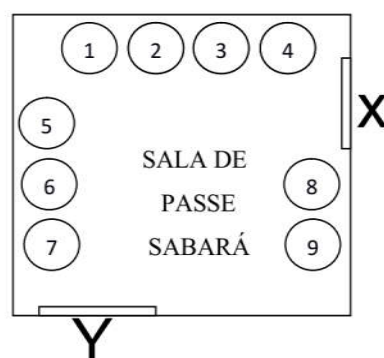


Figura 16: Estrutura da Sala de Passe - CAFOL Sabará.

A força e eficácia dessa performance depende de alguns elementos que somados aos cantos podem garantir suas relações. Enquanto a prece realizada pelo passista atinge o espírito (após um preparo moral e corporal), o receptor ativo também precisa de uma concentração, vontade e prece para absorver os fluidos transmitidos. Na CAFOL os passes são potencializados pela ação de cantar coletivamente. A emissão e recepção podem se beneficiar através dessa prática. Fazendo (mais uma vez) uso de uma frase de Dr. Fritz:

“– Quem canta ora duas vezes.”

Após o passe, ocorrerão: a cirurgia espiritual, a distribuição da medicação *Vida*, a bênção final e saída de Dr. Fritz no salão. Ao final, os tarefeiros se unem em abraços e mãos dadas, formando uma roda, na qual cantam *Caminharmos juntos* e movimentam seus corpos através de uma performance musical que analisaremos a seguir.

3.6 Quinto Movimento – Canção *Caminharmos Juntos*

A análise dessa performance também será a do dia vinte e seis de outubro de 2017, que não difere das que assisti durante esses dois anos. Após algumas horas de trabalho ininterrupto na tarefa referente à medicação *Vida*, os tarefeiros se dão as mãos e se abraçam formando uma meia roda com aproximadamente trinta tarefeiros e pequenos círculos de tamanhos variados, entre os pacientes/fiéis/visitantes. Após a benção final de Dr. Fritz, o clima é de agradecimento e dever cumprido pelo trabalho realizado naquele dia. Consolação e alguns poucos tarefeiros começam a cantar, e logo os presentes no salão – quase exclusivamente tarefeiros – também cantam, aumentando a intensidade no transcorrer do fluxo do hino/canção.

Se caminharmos juntos com fé e com amor
Lutaremos contra o mal e venceremos nossas dores

Jesus mostrou o caminho e nos disse para amarmos
E os nossos corações iluminados vão ficar

E neste caminho flores vamos encontrar
Repartiremos com os irmãos que não souberam perdoar

Lá no infinito as estrelas vão bailar
É o amor que nesta casa vai reinar

É o amor que nesta casa vai reinar

Com sorrisos nos rostos e com algumas lágrimas, movimentam seus corpos levemente para a esquerda e direita, como num bailado discreto em ritmos individuais a princípio, que vão sincronizando com o grupo dançante enquanto vivenciam o hino/canção. O clima pode ser comparado à vitória em um jogo ou uma bela confraternização de amigos. Quando o canto termina ouvimos:

– Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

E, ainda abraçados e de mãos dadas, respondemos:

– Para sempre seja louvado!

É o fim da performance geral, ou fim de mais um dia de atendimentos, ou de outra forma: fim de mais um dia de trabalho.

Em comparação com a gravação deste hino/canção no primeiro trabalho do coral, (faixa 15), ambas as versões estão em Lá menor, sem instrumentação. Na gravação a textura se apresenta polifônica, com uma melodia intermediária que entrecruza com a

melodia principal em vários pontos, enquanto que na performance ao vivo há uma melodia monofônica. A forma se apresenta como variações sobre um mesmo tema, com modificações a cada reexposição. Para uma melhor compreensão, organizo a peça em variações do tema: A1, A2, A3 e A4, e repetição da variação de A4. Subdivido ainda cada tema em frases I e II, com cinco compassos cada.

Em A1 é apresentado o tema:

A1

Se ca - mi - nhar - mos jun - tos com fé e com a - mor
Lu - ta - re - mos con - tra o mal e ven - ce - re - mos nos - sas do - res

Em A2, a primeira frase aparece com um pequeno acréscimo, mantendo o desenho do contorno melódico. Apesar de a linha melódica sofrer flutuações, a segunda frase preserva a estrutura descendente que se resolve na tônica.

A2

Je - sus mos - trou ca - mi - nho e nos dis - se pa - ra a mar - mos
eos nos - sos co - ra - ções i - lu - mi - na - dos vão fi - car

Em A3, na primeira frase, não há a nota inicial em anacruse para dar início ao tema. A frase II inclui uma nota em relação a A1.

A3

E nes - se ca - mi - nho flo - res va - mos en - con - tar
 re - par - ti - re - mos como ir - mãos que não sou - be - ram per - do - ar

Na última variação do tema, em A4, há uma repetição da frase I de A3 sem mudanças. Na segunda frase, que se repete ao final, há uma grande mudança na estrutura melódica, que é desacelerada e que, a princípio sobe, e logo após retoma sua base descendente chegando à tônica.

A4

Lá no in - fi - ni - to as es - tre - las vão bai - lar
 Éo a - mo - o or que nes - sa
 ca - sa vai rei - nar Éo a - mo - o or
 que nes - sa ca - sa vai rei - nar

Em todas as variações observadas, a primeira frase traz invariavelmente um mesmo contorno melódico: o primeiro pulso forte traz a tônica que sobe até quinta, depois ao oitavo grau (tônica), e desce novamente até a dominante. Já na segunda frase a variação é mais complexa:

A1

A2 Lu - ta - re - mos con - tra o mal e ven - ce - re - mos nos - sas do - res

A3 eos nos - sos co - ra - ções i - lu - mi - na - dos vão fi - car

A4 re - par - ti - re - mos como ir - maos que não sou - be - ram per - do - ar

Eo a - mo - o or que nes - sa ca - sa vai rei - nar

Há uma recorrência no princípio onde o pulso forte coincide na melodia como podemos ver acima. Há um recuo em A1 e A3 em que a melodia desce gradualmente pelas notas Ré, Dó, Si até chegar à tônica Lá. Em A2, o movimento descendente se faz através de arpejo. Em A4 um prolongamento da palavra ‘amor’ cria na melodia mais dois pulsos fazendo esticar a frase II, para no final também chegar à sensível e se resolver na tônica.

Assim que terminamos o canto e a fala: “– Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!” e “– Para sempre seja louvado.”, finalizamos essa parte ritual e a performance geral. A eficácia desse momento é medida pelos nossos sentidos individuais, através da energia emanada de corpos em movimento e canto.

Neste Capítulo 3, procurei analisar o som na cultura CAFOL, através de recortes de uma performance ritual, apontando movimentos musicais. Diante de tantas experiências compartilhadas na CAFOL, procuro fazer a seguir uma reflexão geral do trabalho e da cosmologia CAFOL através dos elementos encontrados a partir da performance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cosmologia é uma totalidade que se refere ao universo e às suas relações. São teorias e concepções do cosmo no qual a humanidade é apenas uma parte. Ela conceitua, ordena e define as interligações entre coisas e não coisas. Tais concepções orientam e trazem sentido permitindo interpretar os acontecimentos e símbolos. A cosmologia CAFOL apresenta uma estrutura complexa que se expressa em movimentos, definições e percepções a respeito dos humanos encarnados, humanos espíritos e não-humanos. Seu sistema híbrido de representações se coloca em evidência na performance, sua cultura ficando ali representada. Esse modo pelo qual um grupo compartilha maneiras de compreender, agir e experimentar o mundo pode ser descrito como cultura. Ou de outro modo: “o conceito de cultura que eu defendo é [...] essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, eu assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise [...]” (GEERTZ, 1989, p. 15).

A cultura CAFOL traz um repertório de ações e relações ligadas à performance ritual, elementos da sua tradição oral e escrita trazendo sentido nesta dinâmica. Curas, cantos, espíritos, imagens são algumas dessas noções em movimento. Dentre essas, a performance musical me aponta para onde olhar e procuro a partir da performance total captar fios dessa teia de significados para identificar sentidos nativos. Nestas atividades cíclicas (através da repetição da forma), mentes e energias são equilibradas coletivamente, reforçando atos e sentimentos individuais e coletivos. Concordando com Blacking (1995, p. 223), afirmo que a performance musical é um tipo de ação social que pode trazer consequências importantes para outras ações sociais, evidenciando no fazer musical aspectos transcendentais.

Ao perguntamos por que a CAFOL valoriza tanto o cantar e a performance musical, por que essas performances apresentam certas estruturas e qual sua relação com a performance ritual, não encontramos uma boa resposta que dê conta de suprir tais indagações, mas ao longo da pesquisa alguns aspectos foram levantados, os quais mostro a seguir:

1. Ao lado de uma iconografia maior, a música evoca os mentores, o lado invisível, mas imprescindível;

2. A música age dentro de uma concepção com uma noção de pessoa e de saúde ligando corpo biológico, espírito, perispírito, moral, evolução, ou seja, todo um esquema cosmológico particular;

3. A música concentra as pessoas, numa intenção comum, desenhando momentos cerimoniais, criando diferentes tipos de escuta, entre CD (escuta ligeiramente dispersa), 60 minutos de vibração ininterruptos (escuta engajada, participação dos pacientes/visitantes/fiéis na prestação musical através do canto), outros momentos mais pontuais, finalização dos trabalhos, etc.;

4. A música contribui na construção de um ideal de abertura religiosa/sociológica, através de peças associadas ao catolicismo, ao protestantismo, a um universo MPB, ou cujas letras lembram entidades da umbanda, ou ainda cuja instrumentação se associa a horizontes culturais distantes;

5. Apesar de uma pesquisa estética claramente colocada pelos trabalhos do coral da casa, por exemplo, os valores musicais são constantemente guiados por aspectos como participação, energia, vibração (a equipe musical muitas vezes é chamada de “vibracional”), o que resulta em versões simplificadas (polifonias substituídas por monofonias, métricas aproximativas, assincronia entre sala de tratamento e salão, etc.);

6. A função da música para o Dr. Fritz tem a função de afetar, “desmaterializando” o corpo físico, possibilitando o tratamento, além de outras funções narradas por tarefeiros, como, por exemplo, anestésico.

REFERÊNCIAS

BEAUDET, Jean-Michel. **Dançaremos até o Amanhecer**: Uma Etnologia Movimentada na Amazônia. Jean-Michel Beudet com a participação de Jacky Pawe. Tradução: Leonardo Pires Rosse. São Paulo: Editora da USP, 2017.

BLACKING, John. **How Musical is Man?** Seattle: University of Washington Press, 1973.

_____. **Music, culture and experience**: selected papers of John Blacking. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

BOORSE, Christopher. Health as a theoretical concept. In: **Philosophy of science**, v. 44, n. 4, p. 542-573, 1977.

CASA DE AUXÍLIO E FRATERNIDADE OLHOS DA LUZ. Site Institucional. Disponível em <<http://instituicaoocasadeauxilioefraternidadeolhosdaluz.com/>>. Acesso em: 14 Ago. 2018.

CAVALCANTI, MLVC. **O Mundo Invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo [online]. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, [1983] 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/zffb8/pdf/cavalcanti-9788599662274.pdf>>. Acesso em: 11 Ago. 2018.

CUPERTINO, Sofia Furtado. **Corpos Ressonantes**: Canto e cura entre os Tikmũ'ũn. 2017. 89f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da UFMG, 2017.

DENIS, Léon. **O espiritismo na Arte**. Niterói: Editora CELD, 2014.

DESCOLA, Phelippe. **La Fabrique des images**: Exposition au Musée du quai Branly. Paris, 2010.

FAUSTO, Carlos; SEVERI, Carlo. **Palavras em Imagens**: Escritas, corpos e memórias. Marseille: Open Edition Books, 2016.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado** (tradução de Paula de Siqueira Lopes). Cadernos de Campo, n. 13, 2005.

FAVRET-SAADA, J. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris: Gallimard, 1977.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, [1978], 1989.

GLASER, Abel. **Alvorada Nova**. São Paulo: Casa Editora O Clarim, 1992.

GRUPO DA FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃ SCHEILLA. Site Institucional. Disponível em: <<https://www.gruposcheilla.org.br/wordpress/o-grupo-scheilla/institucional/>>. Acesso em: 14 Ago. 2018.

KARDEC, Allan, **O livro dos espíritos**. Brasília: FEB, 1857. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Espiritos.pdf>>. Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores**: Espiritismo experimental. Brasília: FEB, 1861. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Mediuns_Guillon.pdf>. Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **O que é o Espiritismo**. Brasília: FEB, 1859. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/o-que-e-o-espiritismo.pdf>>. Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **O céu e o inferno**. Brasília: FEB, 1865. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/ceu-e-inferno-Manuel-Quintao.pdf>>. Acesso em: 12 Ago. 2018.

_____. **A Gênese**. Brasília: FEB, 1868. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/A-genese_Guillon.pdf>. Acesso em: 12 Ago. 2018.

_____. **Obras Póstumas**. Brasília: FEB, 1890. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/139.pdf>>. Acesso em: 12 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1858. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1859. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1860. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1860.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1861. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1861.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1862. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf>> Acesso em 11 de Agosto de 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1863. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1863.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1864. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1864.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1865. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1865.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1866. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1866.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1867. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1867.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1868. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

_____. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. FEB, coleção ano 1869. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1869.pdf>> Acesso em: 11 Ago. 2018.

LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2009.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: Ed UFBA, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Os pensadores**: Malinowski. [3. Ed]. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**: São Paulo, COSAC NAIFI, 2003 [1938].

NOBRE, Emerson. Quimeras em Diálogo. In: **Habitus**, v. 14, n. 1, p. 157-162, 2016.

OLIVEIRA, Leida Lúcia de. **Cirurgias Espirituais de José Arigó**. Belo Horizonte: AME Editora, 2014.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda. 2003.

PERALVA, Martins. **Estudando a Mediunidade**. FEB, 2011.

PEREIRA, André Luiz Mendes. **Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei, MG** [manuscrito]/ André Luiz Mendes Pereira. – 2011.

RIBEIRO, Glória. **Existência, jogo e pensamento**. Revista de estudos filosóficos. São João Del Rei, n. 1, 2008.

RIZZINI, Carlos Toledo. **Psicologia e Espiritismo**. Matão: Editora Clarim, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. In: **Revista Mana**. Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

_____, SEEGER, Anthony e DA MATTA, Roberto. **A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1979.

XAVIER, Francisco Cândido, pelo espírito Emmanuel. **Vinha de Luz**. Brasília: Editora da FEB – Federação Espírita Brasileira, 1951.

_____. **Nosso Lar**. Brasília: Editora da FEB, 1944.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo, pelo espírito André Luiz. **Mecanismos da Mediunidade**. Brasília: Editora da Federação Espírita Brasileira, 1960.